

Diário de Lisboa

Diário de Lisboa

11—Avença—Of.

51918

Biblioteca Municipal Central de

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor:

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO—Rua de Ross, 87, 2.º

Endereço Telegrafico: DIBOIA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegrafico: DIBOIA

LISBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

2.º tenente Manuel Manso Lefèvre

O desditoso oficial de marinha foi hoje a enterrar
com uma grandiosa manifestação de pesar e de saudade

O funeral dum marinheiro. Teve simplicidade e teve emoção. Não catam apenas flores sobre a sua urna, mas também lagrimas e piedosas orações. O mar deu à terra o corpo esbelto desse rapaz, mas guardou-lhe a alma humnosa e pura, onde ardia a chama dos grandes sonhos.

O cortejo fúnebre incorporaram-se milhares de pessoas de todas as categorias sociais.

Os seus camaradas prestaram-lhe a guarda de honra, numa manifestação profunda de saudade, que constituiu também uma nobre e perfeita homenagem.

No Alto de S. João, o comandante Carvalho Crato despeçou-se, em nome da Marinha de guerra, do seu gentil tenente. As suas palavras, repassadas da angustia dos grandes momentos, calaram profundamente no coração de todos, contraindo-os de dolorosa amargura.

Durante a noite

Durante a noite de ontem, velaram o corpo do desditoso tenente Manso Lefèvre, além de seus desolados pais, pessoas de família e amigos, as senhoras D. Elisa Carneiro Bordallo Pinheiro e filha, D. Raquel Teixeira de Queiroz de Barros, D. Germana Vieira Pinto, muitas outras senhoras, os nossos amigos srs. Alfredo Vieira Pinto e Pedro Bordallo Pinheiro, redactores e representantes de todas as secções do *Diário de Lisboa*.

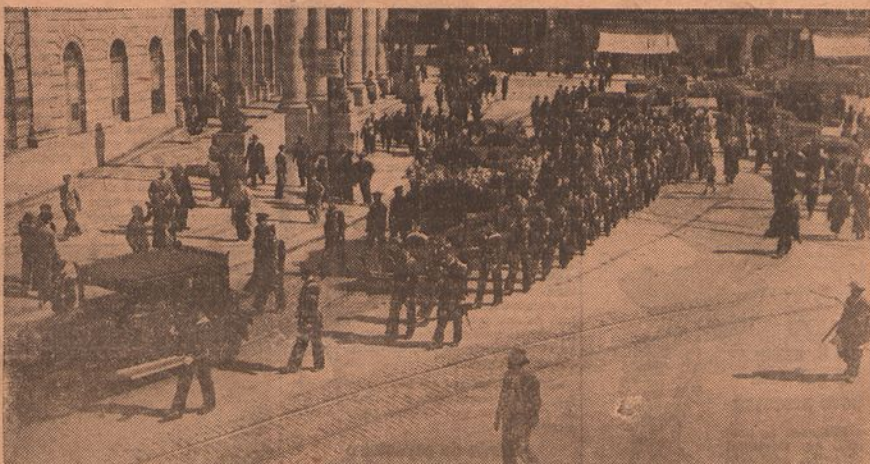
O comando geral da Armada autorizou, excepcionalmente, que as portas do Arsenal de Marinha estivessem abertas toda a noite, para as muitas pessoas que foram velar o cadáver do desventurado oficial. E à capela de S. Roque foram chegando outras corações, além daquelas que vieram de Londres e das que já ontem mencionámos. Uma dos seus amigos srs. Hugo Sequeira, José Silva, Domingos Madeira, Salvador do Carmo, António da Cruz, Pereira da Costa, Torres de Carvalho e Eduardo Gomes; outra de seus tios, o tenente Alfredo Martins Fouto, o sr. João Martins Manso e D. Delfina da Conceição Fouto; uma coração com sentida dedicatória, de Florença; e outra dos colegas do pai do extinto: drs. Acácio Furtado, Almeida Eusébio, António de Sêves, Azeredo Penedigão, Bustorff Silva, Campos Coelho, Colares Pereira, Faço Viana, Fernando Martins de Carvalho, Leopoldo do Vale, Mario Monteiro, Orlando Marçal, Ramada Curto, Ricardo Mota, Sá Nogueira, Santos Lourenço, Saraiva Lima e Virgílio Baía.

Às primeiras horas da manhã começaram a afluir mais pessoas, muitas das quais se conservaram na capela de S. Roque até à hora da saída do funeral.

A saída do prestíto

Às 11 e 40, a urna, coberta com a bandeira nacional, foi colocada no carro-automóvel da Agência Magnó. Seguiam-na o reverendo Santos Nogueira, diversas pessoas da família do extinto, oficiais superiores do Exército e Armada, etc.

Eram 11 e 45 quando o cortejo se pôs em marcha.



O cortejo fúnebre ao passar no Rossio

A frente e atrás do carro-automóvel seguiam quatro filas de 6 marinheiros, sob o comando do 2.º tenente Garcia Braga.

No prestíto fúnebre incorporaram-se mais de 100 automóveis, vendendo-se em todas as ruas do percurso, desde o largo do Município, até ao Alto de S. João, muitas centenas de pessoas que se descobriam respetosamente à passagem do corpo, que era acompanhado a pé por muitas dezenas de pessoas: parentes, oficiais da Marinha e do Exército.

Na impossibilidade de darmos hoje nota das centenas de pessoas que estiveram na capela de São Roque e no cemitério, publicamos a seguir os nomes de que conseguimos tomar apontamento:

Capitão-tenente Vasconcelos e Sá Ferreira, representante do sr. ministro da Marinha; capitão Carlos Gorgulho, representante do sr. ministro da Guerra; dr. João Monteiro de Mendonça, representante do ministro dos Negócios Estrangeiros; agente geral das Colónias, sr. Julio Caloia, representante do sr. ministro das Colónias.

Almirantes Fernando Augusto Pereira da Silva, Sarmento Saavedra, Augusto Osório, João Augusto Muzanty, Sales Henriques, Julio Milheiro e Rodrigues Gaspar; comandantes Carvalho Crato, Pedro Rodrigues, Marcelino Carlos, Mendes Noronha, Vilarinho, Freitas Moura, Jaime Conceição, Galvão Roma, Manuel Possante, Jeronimo Bivar, Cesteiros de Faria, Macedo e Couto, Oliveira Pinto, Vicente Lopes, Santos Moreira e Justino Herz; 1.º tenentes Namorado Junior, Rodrigues Cosme e Ferreira Viana; 2.º tenentes Bernardino Nogueira, Jeronimo Jorge, Sales Henriques e Ferreira Diniz; engenheiro naval Avila de Melo e capitão Hortas, da Marinha Mercante.

Generais Amílcar Mota, Pereira Bastos, Al-

xandre Malheiro, Domingos de Oliveira, governador militar de Lisboa.

Coronéis Correia dos Santos, Moreira, Lopes Galvão, representante da Sociedade de Geografia; Alonzo Henriques de Sá Teixeira; tenentes-coronéis Barreto de Oliveira e Costa Junior.

Majores Alvaro da Salvação Barreto, Pinheiro Correia, Manuel Joaquim de Oliveira e Antunes Cabrita.

Aviadores navais Gomes Namorado Junior, pelo Centro da Aviação do Bom Sucesso; Marcos Garin, Antonio Carrelhas, Jeronimo Jorge.

Eduardo Schwalbach, director do *Diário de Notícias*; Tito Martins, em nome do director de O Seculo, sr. João Pereira da Rosa; conselheiro Fernando de Sousa, director de A Voz; Diniz Bordallo Pinheiro, director de O Jornal do Comercio e das Colónias; Manuel dos Santos, pelo sr. dr. Marques Guedes, director de O Primeiro de Janeiro.

Alfredo Marques, em nome do director do *Jornal de Noticias*, do Porto, sr. dr. Guilherme Pacheco.

Conselheiro Francisco Patrio, drs. Julio Dantas, Saraiva Lima, Carmo dos Santos, Alberto de Magalhães Barros, Alfredo de Magalhães Barros, representante da Sociedade Praia da Rocha; Caetano Bétrão da Veiga, Constantino Fernandes, Hipólito Raposo, José de Figueiredo, Americo Chaves de Almeida, Francisco Veloso, que representava o dr. Nuno Simões; Jorge de Paris, Adolfo de Andrade, Jaime da Costa Pinto, Augusto Cunha, Caldeira Coelho, Rodrigues Cavalheiro, representante do vereador sr. Luiz Pastor de Macedo; Carlos Barbosa, por si e pelo Banco Pinto & Sotto Mayor; Bernardo Gomes de Pinho, por si, pela casa Borges & Irmão e pelos seus gerentes; Mario Belão, Mario Monteiro, Alberto Cruz, Vasco Borges, João de Barros, Marcelo Oatzen, Vergílio Correia, Salazar de Sousa, Santos Lourenço, Antonio da Fonseca, Vasco de Mendonça Alves, Carlos Salazar de Sousa, Barboza de Magalhães, Vaz Ferrei-

ra, Emilio Patrio, Orlando Marques, Tomas Ribeiro Colaço Sá Nogueira, Manuel de Sousa, Samuel Maia, João Moreira de Almeida, João Maia, Sousa Costa, Silva Ramos, Gaspar e Almeida, Alberto Xavier, Eugenio Roseira, Santos Lourenço, Queiroz Veloso, José Gomes Mota, Sobral Cid, Antonio Joaze, Emidio Mendes, Lino Franco, Feliz de Carvalho, Cassiano Neves, Brás Chaves, Frederico da Costa Pinto, Frederico Martins, Barros Marinhos, Campos Coelho Ernesto Navarro, José de Faria, Antonio de Menezes, Henrique Pereira, Teofilo de Magalhães, Ribeiro Lopes, Xavier da Silva, Sousa Gomes, Moisés Amalal.

Engenheiros José Castelo Branco, Gomes Meleiro, Fernando de Barros, Robin Rowell, da casa Hawthorn & Leslie, construtor do «Bartolomeu Dias», a cuja guarnição o tenente Manso Lefèvre pertencera; Branco Cabral, José de Jesus Pires.

Engenheiro Antonio Maria da Silva, antigo presidente do ministério; Guilherme Pereira de Carvalho, Antonio Maria de Oliveira Belo, João Calvet de Magalhães, Francisco Valença, José Campas, D. Antonio Alvaro, Guilherme Filipe, Alfredo de Moraes, João Rodrigues, secretario da Escola Colonial; Artur Augusto Figueiró Rego, D. Maria do Rosario Quintinha, Alfredo Pinto (Sacaven), representando a «Gazeta de Coimbra»; Romano Esteves, Abilio Magro, Portugal Ribeiro, Barros e Silva, Correia da Costa, Vitoriano Braga, David Ezaguy, Fernando Bordallo Pinheiro, Xisto Vale, João Lopes, Silva Costa, Belo Redondo, Parda Monteiro, Diamantino Tojal, Bandeira de Taro, por si e pelo sr. Pedro Muralha; Carlos Meireles, Augusto Gomes da Costa, Eugenio Carlos Quinhones de Sá, Henrique Manuel Vieira, Sousa Neves, etc.

(Ver continuação na 5.ª pagina)

Amanhã: "O FIM DO MUNDO"
 com o quadro novo
Porto moderno
 e quatro grupos
 de bailarinos internacionais

Em sessões, ás 20.30 e 22.45
 O Coliseu reabre já amanhã. É uma notícia tão grata ao publico de Lisboa que o deixa logo ansioso pelo grande acontecimento, em que ha novidades que despertam a curiosidade e o interesse. O "Fim do Mundo", essa maravilhosa fantasia que já bateu o "record", de todos os exitos e que continua em pleno sucesso, reaparece na noite de amanhã, em duas sessões, e notavelmente remodelada e ampliada. Um soberbo quadro novo intitulado "Porto moderno", que só por si vai justificar consecutivas enchentes.
 Quatro grupos de bailarinos internacionais, seleccionados de entre os melhores do mundo: Hella & Eddie, curiosissimos bailarinos modernos; Elsia & Woldo Moll, originalissimos bailarinos excéntricos, Zigan-Spassowa, formidáveis bailarinos acrobaticos, Aida & Diamond, admiráveis bailarinos falasistas. O melhor, mais deslumbrante, mais alegre e mais barato espectáculo.

PÉS DORIDOS



Alivio em 3 minutos por este novo processo

Milhares de pessoas em Portugal já estão adolando este processo rápido e fácil de pôr termo aos sofrimentos dos pés. De, esta noite, um banho aos pés, mettendo-os simplesmente em água quente oxigenada com Saltratos Rodel. Toda a dolorosa sensibilidade desaparece imediatamente e medida que estes saís oxigenados penetram nos tecidos. Em 3 minutos ter-lhe-á saído todo o ardor e inchação. Os calos amaciam a tal ponto que se podem tirar pela raiz, sem dor nem perigo. Depois, pode até usar calçado mais justo e andar todo o dia ou dançar toda a noite, sem o mais leve incomodo. Os Saltratos Rodel vendem-se com garantia e por uma bagatela em qualquer farmácia ou drogaria.

Fabricado no Laboratorio Franco-Portuguez, 67, Rua Dr. Alvaro de Castro - LISBOA
 Vendas por grosso: Juicy Delight, Lda., Rua da Associação, 88 - LISBOA.

APOLO
 A revista monumental
Zé dos Pacatos
 é o acontecimento do dia com
ADELINA DURÁN
 A bailarina de A CARIOCA

No CAFÉ-RESTAURANTE "CHIC" ha os melhores mariscos e cerveja, como a que melhor se tira nos estabelecimentos congéneres.

TEATROS E CINEMAS

"Nobre Povo"

Na revista de João Bastos, «Nobre Povo», em cena no teatro Variedades, estreou-se ontem um quadro de «music-hall», «Malaquias de palanques», em que se exhibiram a bailarina Dozina do Monte, os «Três Diamantes Negros» e a orquestra hispano-americana «The Palomero Boys».

«Nobre Povo», depois do arranjo que sofreu após as primeiras representações, decorre com um belo movimento e tem condições de agrado que a impõem ao publico mais exigente. Despenhada por uma companhia em que abundam artistas de valor, a revista tem o merito de ser escrita com espirito e conduzida com intelligencia por um comediografo que sabe do seu officio.

O quadro que ontem se estreou alcançou um exito lisonjeiro, tanto sob o ponto de vista artistico dos numeros que se exhibiram, como da intervenção acertada e oportuna dos interpretes da revista, nomeadamente Nascimento Fernandes, que realiza em toda a peça um trabalho notavel, digno de um grande actor comico. «Nobre Povo», com estes novos atractivos, merece prolongar-se ainda por largo tempo no cartaz.—N.

Alves da Cunha

É amanhã que reaparece no teatro da Trindade o eminente actor Alves da Cunha, que vai encarnar o protagonista da celebre peça de Bartolomeu Soler, «Don Inemso», que o actor argentino Enrique de Rosas interpretou entre nós.

O publico não se esqueceu ainda das inolvidaveis criações de Alves da Cunha na «Garras», no «Papá Lebonnard», em «Duas Casacas», na «Fera», no «Paralítico», e em tantas outras peças que o consagraram colocando-o na primeira plana dos nossos artistas teatraes.

O critico alemão Schlicht Brull, depois de assistir á representação da peça «Um homem», de Unamuno, no teatro Nacional, escreveu acerca do trabalho de Alves da Cunha:

«Voz de multiplas cambiantes, vigor, ternura, mascara colossal de expressão tragica e amorosa, e sobretudo um dominio absoluto da sua arte fazem de Alves da Cunha um artista mundial que honraria com o seu genio hystorico qualquer cena europeia das mais exigentes».

«Don Inemso» vai ser um esplendido conjunto de representação e haverá um «fim de festa», em que tomam parte diversos artistas

Atrás do reposteiro

Os escritores Pereira Coelho, Matos Sequeira e João de Vasconcelos e Sá refaço já concluíndo a sua nova revista, para o Trindade, cujos ensaios, neste teatro, sob a direcção de Rosa Mateus, começam na proxima segunda-feira, para o corpo coral, constituído por 20 «girls» portuguezas.

— A actriz Leonor de Eça vai ser convidada a interpretar, no teatro, o papel de Margarida, que acaba de realizar para o fono-filme «As Pupillas do sr. Rector», cuja peça se tentava, em remontar brevemente.

— Os espectaculos da companhia Maria Matos, em Elvas, no Teatro-Cine desta cidade, realizam-se nos dias 11, 12 e 13 do corrente, com as comedias O Senior Professor, Onde estás, felicidade? e A Vizinha do lado.

— Foi muito apreciada a secção carnavalesca do Primeiro de Janeiro sobre assuntos de teatro, da autoria do nosso camarada daquelle jornal, Mario de Figueiredo.

— Dissolveu-se a companhia Hortense Luz, que realizou os seus ultimos espectaculos, no Carnaval, no teatro Garcia de Rezende, terminando com «déficit» elevado a sua exploração pela provincia.

— Seguiram para o Porto os srs. Artur Mota e Mario Pedro, empresario e secretario do teatro Carlos Alberto.

— Já se não realiza o casamento dos dois artistas a que fizemos referencia e cujo enlace fora combinado recentemente no Porto.

— Terminou o seu contrato com a empresa Lopo Lauer a actriz Maria Albertina, que vai ingressar numa das companhias de revista da empresa José Loureiro.

— Entrou já em franca convalescência o actor comico Alvaro Pereira, que se recuperará na proxima primavera, numa «companhia» de revistas, em que vai interpretar o «compère».

— O bailarino portuguez Janou está em negociações com o empresario Juan Carceli, de Madrid, para a realização, em Espanha, de uma «tournee» de que farão parte o Trio Créssey-Charles e Franck e a Orquestra Trípica Algarvia, sob a direcção do maestro Frederico Valerio.

— Temos de novo, no Nacional, «O Solar

dos Barrigas», com Palmira Bastos, no primeiro papel, e Adalina Abranches, peça sublime de superior encantamento, e a primorosa revistazinha, em 1 acto, «Ondas curtas», cujo principal interesse reside na admiravel imitação de celebridades estrangeiras e de artistas portuguezes, pelos elementos da companhia do Nacional.

— Em pleno exito, continua a representar-se, todas as noites, no Apolo, em duas sessões, a revista Zé dos Pacatos, com a bailarina Adalina Durán, introduzidora em Portugal da dança moderna A Cariocas.

— Na «matinée» da moda que amanhã se realiza no Capitolo tomam parte os meninos Gonçalo de Sousa e Georgina de Souza, exitimos concertistas de guitarra.

— «O Fim do Mundo», a fantasia que mantém no publico o mesmo interesse e entusiasmo das primeiras apresentações, reaparece amanhã, no Coliseu, brilhantemente remodelada, com o novo quadro «Porto moderno», e quatro grupos dos mais celebres bailarinos internacionais, de diferentes generos de bailados.

Carlos Gardel, no Politeama

Carlos Gardel considerado como o melhor cantor de tangos já gravou para o fonografo mais de três mil canções.

Natural de Buenos Aires começou a escrever-se com 16 anos de idade. Em 1925 estreou-se em Madrid, em 1929 apresentou-se pela primeira vez na tela em Luzes de Buenos Aires. De então para cá os seus triunfos não têm conto. Na sua ultima pellicula Amar e Cantar que com exito passou, ontem, no Politeama, Carlos Gardel canta primorosamente nove canções distinguindo-se em: Amores de Estudante, uma salsa; Mi Buenos Aires querido, tango; e Criollita, deci que si, canção tipico argentina.

O Politeama, como é do conhecimento de todos, inaugurou uma nova tabela de preços bastante populares; por isso, esgotou ontem, antes de começar o espectáculo.



Carlos Gardel, Mona Maris e Vicente Padula

Em Hollywood fala-se, de novo, nos amores de Greta Garbo e de John Gilbert. Sentimento antigo que voltou a reviver. Como? Dizem que numa partida de tennis, em casa del Rio. Dizem...

— Deve ter chegado já a Berlim o grande tenor Jean Klepura, a fim de interpretar o principal papel no filme de Carl Lamac, Le Chanteur d'une nuit. Nesta produção toma parte, tambem, Lucien Baroux.

Findo este trabalho, partirá para Hollywood, contratado, por dois anos, pela Paramount. É provavel, pois, que seja Ernst Lubitch o director das suas operetas animatograficas, com o que o celebre cantor só tem a ganhar.

— O maior exito deste inverno em New York, segundo informam os jornais, é Imitation of life, com Claudette Colbert.

— André Lafaur e Elvire Popesco são os protagonistas dum filme de Lonio Vermeul intitulado La Uraie Dora Neilson. —Consta que Lilian Harvey, recém-chegada da America, volta, novamente, a trabalhar nos estudios de Berlim. O seu primeiro filme será uma opereta dirigida por Hans Martin.

Vamos a ver se ganha o tempo perdido, que bem precisa.

RUTHER.—É um preparado honesto e de garantia, para todas as pessoas que o usarem poderem atestar a sua eficacia.

A' venda na Farmacia Portugal, Rua Augusta, 216

Chapeus de Primavera

Apresenta, a partir do proximo sabbado, originaes modelos.

PEDROSA — R. do Ouro, 248

PROGRAMAS DE HOJE
 TELEF. 17793

S. LUIZ
 Hollywood em Festa
 com Lurel e Harry, Luise Velez e um desenho colorido do Hato Mickey.
 Variedades:
Fleming e a sua Troupe
 Telet. 2 4391
Millonaria
 por um dia
 Realização de Capra com May Hobson
 A's 21 e 30 T. L. F. 225.3

CENTRAL
 A's 21 e 30

CONDES
 A LAGARTIXA
 com Florela, Madeleine Ozera e Antre Gelayre
 Telet. 1 e 83

ODEON
 MOULIN ROUGE
 A's 21 e 15

PALACIO
 Constance Bennett
 A's 21 e 30 Telet. 47163

POLITEAMA
 O Sub da Meta Noite
 com George Hilt e Clive Brock
Amar e Cantar
 com Carlos Gardel
 A's 21 e 30

PARIS
 A CLEOPATRA
 Um par de intrujões
 Matinees ás 3.ª e 9.ª h. e 10.ª h.

CAPITULO
 O Rei dos Corações
 O mundo é m'u
 Bilhetes a 1\$60

TERRASSE
 e a Companhia
 com Johnny Weismüller
 A's 21 e 15 Telet. 20917

LYS
 Izaarza e Companhia
 ás 21 e 15 Loucuras de Amor

EUROPA
 Eu fui uma espiã
 A mulher e o meu noivo
 ás 21 TEL. F. 4 6961

ROYAL
 Escandalos Romanos
 com Etide Cantor
 as 21 e 15 Telet 4 5037

JARDIM CINEMA
 Domingo: A crise acabou
 Eu sou uma espiã
 as 20 e 45

Teatro Nacional
 Telefone 2 0570
HOJE (ás 21 e 30) HOJE (um ponto)
 A engraçada opereta em 3 actos de grande exito

O Solar dos Barrigas
 com ADELINA ABRANCHES
 PALMIRA BASTOS
 na sua extraordinaria criação
— Fecha o espectáculo —
 a lindissima revista em 1 acto e 4 quadros

ONDAS CURTAS
 com ADELINA ABRANCHES
 AMELIA REY COLAÇO
 e FRANCIS COM RUIH WALDEN
 e toda a Companhia

O CAFE-«CHIC» serve optimos bifes e esplendido café á chavena.

GIMNASIO A's 9 1/2
 Emo, Erico Braga — Telef. 288 11
 Com a participação de S. Ex.ª e Sr. Sr. Enbata de Co Brazil
 Apresentação de Procopio Ferreira
 O maior actor brasileiro na grande comedia em 3 actos, de JORACY CAMARGO

DEUS LHE PAGUE...
 com Ester Leão Alexandre de Azevedo e José Gamba, nos principais papéis. Encenação de Luellia Simões. Cenários de Eurico Manzo
 Domingo: 1.ª Matinée, ás 3 1/2. Bilhetes a venda

NOTÍCIAS DE SETUBAL

Desastre no rio Sado

SETUBAL, 6.—Hoje de tarde, quando o marítimo João de Lima, de 44 anos, tripulante do barco «Diligente», desta praça, pretendia saltar para bordo de outro barco, caiu tão desastrosamente que fracturou um braço. Conduzido ao hospital da Misericórdia, foi pensado no respectivo banco.

Filha que maltrata a mãe

Queixou-se á Polícia desta cidade, Ludovina da Conceição, moradora na rua 25 de Março, contra uma sua filha, Floripes da Conceição, acusando-a de insultar e de ter agredido com uma dentada numa orelha.

Fogo posto

O agente da Polícia desta cidade Francisco Bacalhau, encontra-se em Alhos Vedros a proceder a investigações acerca dum crime de fogo posto, praticado na fabrica de coriças do industrial daquela vila, sr. Manuel de Sousa Serra. Os prejuizos são calculados em 150 contos e a fabrica incendiada não estava no seguro.

Vida cultural

Como noticiámos, recomencam hoje os trabalhos culturais nos «Estudos Sociais Económicos e Literários», interrompidos durante o Carnaval, sendo conferente, ás 21 e 30 horas, o sr. dr. José de Bragança que, prosseguindo o curso da Historia da Arte, dissertará sobre «Arte Egípcia e da Ásia Anterior».

Esta lição, feita sob a égide da Sociedade Nacional das Belas Artes, realiza-se nas salas desta Sociedade, rua Barata Salgueiro, e será acompanhada de projecções luminosas.

Amanhã, á mesma hora, na praça Luiz de Camões, 46, 2.º, fará o sr. dr. Macedo Mendes, uma lição do curso de «Problemas Internacionais subordinada á temá: «O Imperialismo Italiano e a questão da Abissínia».

O desafio Porto-Belenenses

Realiza-se, no proximo domingo, um comboio especial que deve transportar á capital do Norte as pessoas que desejarem assistir ao desafio entre o Belenenses e o Foot-ball Club do Porto para o Campeonato das Ligas.

A inscrição, ao preço de cinquenta escudos, está aberta na sede do clube e na sua sucursal á rua do Arco Bandeira.

Hoje, de manhã, seguiu no «rapido» para Espinho, onde se conservará em estacão até á data do desafio, a equippe do Belenenses, incluindo quinze jogadores efectivos e suplentes, entre os quais o conhecido guardarréas José Reis.

GREMIOS REGIONALISTAS

Amanhã realizar-se-á na sede do Gremio de Trás-os-Montes o tradicional baile da «Pinhata», que á julgar pelos anteriores promete estar muito animado.

Contra o costume, este baile é gratis para os socios, havendo marcação de cadeiras. Para satisfazer numerosos pedidos, a direcção do Gremio dos Acores resolveu realizar amanhã um deslumbrante baile da «Pinhata».

No dia 10, reúne-se a assembleia geral daquella agremiação para apresentação do relatório e contas da direcção e eleição de novos corpos gerentes.

Liceu Normal de Lisboa

Realiza-se amanhã, ás 17 e 30, no Liceu Normal de Lisboa, uma conferencia pedagogica sobre trabalhos manuaes nos ensinios infantil, primario e liceal, sendo relatores, respectivamente, os sr.ªs D. Irene Lisboa e D. Maria Laura Monteiro e os professores sr.ªs. dr.ªs. Avila Lima e Tulio Tomaz.

Gremio dos Pupillos do Exercito

A direcção do Gremio dos Pupillos do Exercito, attendendo ao exito obtido por occasião das festas do Carnaval, decide amanhã o baile da «Pinhata», na sua sede, rua de S. Pedro de Alcantara, 45, 1.ª, esq. A marcação de cadeiras começa hoje.

«O TEMPO»

O jornal «O Tempo» annuncia ontem que suspendia a sua publicação, «quando o director e a redacção o compromissos de informar o publico das razões determinantes deste facto».

«RUTHER»—pelo seu poder antiseptico, pelo seu forte poder tónico, combate a Caspa e todas as doenças do couro cabeludo, facilitando ao mesmo tempo o crescimento do cabelo. A venda na Drogeria Portugal, Avenida Almirante Reis, 65, P.

NOTÍCIAS DA MURTOSA

MURTOSA, 6.—O Carnaval passou quasi despercebido entre nós. Pelas ruas vagueavam apenas meia dúzia de mascarados, e ao som de «jazzes» dansou-se animadamente no Centro Recreativo Pedro Alvares Cabral, do Monte e no Teatro-Club de Pardelhas.

Foi nomeado delegado do procurador da Republica na comarca de Oliveira de Frades, para onde partiu já, o sr. dr. Francisco Casimiro de Araújo de Sá.

Na igreja matriz desta freguesia houve durante os tres dias de Carnaval exposição permanente do S. S. com pregações pelo rev. Joaquim Teixeira Machado, abade de Moura, concheio de Felgueiras.

—Na casa da Junta, começaram os ensaios do Orfeão da Murtosa, que este ano vai colaborar nas cerimoniaes da Semana Santa.

—Um numeroso grupo de molicoeiros e pescadores solicitou do sr. Antonio Gomes Morelino, cabo de mar, deste vila, a sua interferencia junto de quem de direito para que seja diminuido o tempo de defesa da pesca e da apanha do molico na nossa ria, pois assim se minorará a triste situação em que se encontram aquelas classes, já á braços com a miseria. Bom era que o sr. ministro da Marinha deferrisse esta petição, pois a miseria é aqui muito grande.

Ecos do Carnaval

Na «matinée» infantil realizada na segunda feira de Carnaval na «Casa do Algarves», foram premiadas ás seguintes crianças: Helena Guiomar Lopes Vadre de Pina e Albuquerque, (Musa Grega); Sofia Domingos Guerreiro, (Noiva Russa); Maria Eugenia Taveira Cid, (Bailarina Russa); Alexandre José Gouveia Leite Ferraz, (Offical Escocês); José Carlos Pinheiro, (Rato Mickey) e Antonio Baptista Macara, (Sultão).

Além das premiaes apresentaram-se tambem com costumes interessantes as meninas Augusta Malheiro de Tavora Lobo de Miranda e Augusta Fernandes de Melo. A todas as crianças não premiadas foram distribuidas lembranças.

Dr.ª Maria Candida Parreira

No salão do convento da Encarnação, effectuou-se ontem á noite uma pequena sessão de homenagem á deputada sr.ª dr.ª D. Maria Candida Parreira, que alli reside ha 20 anos.

A festa foi organizada por uma comissáo de senhoras, presidida pela comendadeira da Encarnação, sendo entregue á homenageada uma mensagem com grande numero de assinaturas.

CARTAZ

Nacional—A's 21 e 30—O Solar dos Barrilhões.
Gymnasio—A's 21 e 30.—Deus lhe pague.
Apollo—A's 20 e 30 e 32 e 45—26 dos Paçotes.
Variedades—A's 20 e 30 e 42 e 45—Nobre Povos.

CINEMAS

S. Luis—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Central—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 15.
Olympia—Das 14 e 30 ás 24.
Plano Terras—A's 21 e 15.
Capitão—A's 21.
Royal-Cine—A's 21 e 15.
Palacio—A's 21 e 30.
Odeon—A's 21 e 15.
Jardim Cinema-21 e 30-Av. Alvares Cabral

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Capital Esc. 30.000.000\$00
Sede — Rua do Ouro, n.º 30 LISBOA

Assembleia Geral Ordinaria

São convocados os Senhores Acclionistas para reunirem em Assembleia Geral Ordinaria, na sede do BANCO, no dia 30 de Março, pelas quinze horas, a fim de discutirem e votarem o balanço, contas e relatório do conselho de Administração e parecer do conselho Fiscal relativos ao exercicio findo.
Lisboa, 6 de Março de 1935.

O presidente da Assembleia Geral
Companhia de Seguros Luso-Brasileira «Sagres»

Companhia Colonial de Navegação

Paquete João Belo

Avisam-se os Srs. Passageiros de que este paquete adiou a sua saída para o dia 11, 2.ª Feira, ás 12 horas, devido ao mau tempo ter atrazado a chegada dos navios que transportam a carga de baldeação.

NOTÍCIAS DA FIGUEIRA DA FOZ

O Carnaval

FIGUEIRA DA FOZ, 6.—Como nos anos anteriores, os folguedos carnavalescos só decorreram com animação nos teatros e nas diversas colectividades.

Nas ruas viam-se muitas crianças vestindo trajos regionais, um outro mascarado, e, nas principais arterias da cidade, grande numero de pessoas a ver que não se via nada.

Dispensario Anti-Tuberculoso

O edificio destinado ao «Dispensario Anti-Tuberculoso» que está sendo construido nesta cidade, por iniciativa da Junta Geral do Distrito, de que é presidente o illustre medico sr. dr. Bissain Barreto, deve ficar concluido muito em breve. As suas installações serão modelares.

Ponte Sul sobre o Mondego

Vão ser iniciados na segunda quinzena do corrente mês, os trabalhos da ponte sul sobre o Mondego, cuja construção, em cimento armado, foi adjudicada por quantia superior a dois mil contos, á firma do Porto Engenheiros Reunidos, L.da.

Esgotos da cidade

Tendo ficado deserto mais uma vez o concurso para a construção do colector geral dos esgotos, a comissáo administrativa municipal vai proceder a esse importante melhoramento por administração directa.

Festas da cidade

As festas de S. João, que ha anos não se fazem e que outrora tiveram grande fama de norte a sul do país, vão este ano realizar-se por iniciativa da actual Camara.

Inauguração dum marco fontenario

No largo do Jardim Colonial inaugura-se no proximo domingo, festivamente, um marco fontenario, importante melhoramento que de ha muito se tornava necessario na populosa freguesia de Belem. Assistirão varias entidades officiaes e a cerimonia será abrihantada pela banda da Sociedade Musical Cruz Quebradense.

Uma festa no Colegio Militar

Amanhã ás 21 horas repete-se a festa dos alunos do 7.º ano do Colegio Militar, constando o programa da representação da revista «Melancia á Faca», seguida de baile que se prolongará até de madrugada e durante o qual haverá inúmeras surpresas. Sera servida ceia as senhoras. Quem quizer assistir deve fazer quanto antes a marcação dos seus lugares no Colegio Militar, pois a afluencia é grande e a festa promete ter o mesmo exito da primeira, realizada em 23 de fevereiro findo.

Desastre ou crime?

MURTOSA, 7.—Apareceu morto na ria, no lugar do Oanto o arrais da Torreira João Vilarinho, conhecido pela alcunha de «João da Ana Tereza». Tinha 66 anos, era casado e primo do regedor da freguesia da Torreira. Suspeita-se de que tenha havido crime.

Ao Porto por 50 escudos

No proximo domingo 10, a C. P. realiza uma excursão á linda cidade do Porto por 50 escudos. A partida effectua-se cobraes das 7 horas, do Rossio, sendo o regresso á noite. Os amadores de «foot-ball» devem aproveitar este excursão para assistirem no grande desafio entre o Club Belenense e o Foot-ball Club do Porto.

BOLSA DE LISBOA

8 de março CONTADO

Table with columns: VALORES, Réc. de 10, COMPR, VEND. It lists various financial instruments like Fundos do Estado, Ações, and Obrigações with their respective values and prices.

Henrique de Barros Gomes

Corretor officia. da Bolsa de Lisboa
Feler, 2 482
Rua S. João, 60

CAMBIOS

Table with columns: CHEQUE SOBRE, COMPR, VEND. It lists exchange rates for various locations like Madrid, New-York, and London.

Crime de morte

MARCO DE CANAVESES, 5.—Ontem, no lugar do Ladrão, deste concheio, o trabalhador José Pereira, de 38 anos, assassinou á tiros do revolver o filho da sua amante, o carpinteiro Antonio Augusto de Quiróz, por este querer receber parte do produto duma venda de pedreiros que aquella fizera.

Emissora Nacional

Encontra-se de passagem em Lisboa o celebre violoncellista russo Mischel Chelnivsky. Apesar do caracter particular e ocasional desta visita, a Emissora Nacional aproveitou o grato ensejo para co-contratar com o notavel artista um concerto que se realizará hoje, ás 21 horas, nos seus estudos.

«MÊS DO GAZOFILACIO»

Inaugura-se hoje, ás 21 horas, no templo da Igreja Evangelica Presbiteriana Portuguesa, rua de S. Bento, 636, com uma sessão solene, literaria e musical, o movimento chamado «Mês do Gazofilacio», que se seguirá todas as sextas-feiras, durante um mês. A entrada é franca.

Gremio Lirico Português

Amanhã, á tarde, recomencam os «chás-concertos» do Gremio Lirico, que tão apreciados e distintamente concorridos são. No programa tomam parte alguns dos nossos mais distintos artistas liricos.

Balles da Pinhata

Amanhã realizam-se balles da Pinhata no Grupo Desportivo «Os Treze», na Casa de Pedregão Grande e na Associação de Classe dos Vendedores nos Mercados de Lisboa.

RADIO EUROPA

REPARAÇÕES
T. S. F.
O LABORATORIO
mais completo do país

R. Augusta, 75, 1.º - LISBOA

A Cidade

RESTAURANTE NACIONAL
R DOS CORREIROS, 153-155
(ao lado da Casa das Bandeiras)

Almocos completos com pratos á escolha, vinho, fruta e café - 680. Jantares completos com pratos á escolha, vinho, fruta, doce e café - 800. Esmarado serviço á lista aos menores preços.

VIDA PARLAMENTAR

A Assembleia Nacional aprovou na sessão de hoje a proposta governamental que cria o Conselho do Imperio Colonial

Principiou pouco depois das 15 horas a sessão de hoje da Assembleia Nacional, a que assistiram 73 deputados.

Após a leitura do expediente, o sr. presidente leu um officio do presidente da Camara Corporativa em que, para evitar más interpretações, se diz que o parecer daquele organismo acerca da proposta relativa á «Reconstituição Economica» foi elaborado e aprovado antes da apresentação dum projecto sobre o mesmo assumto do sr. engenheiro Araújo Correia.

Passou-se depois á Ordem do dia, constituída pela continuação da discussão da proposta relativa ao Imperio Colonial e pela apreciação das propostas que se referem á alteração da data para a «incorporação de recrutados e á urbanização da Costa do Sol».

A votação começou pela base VI, que foi aprovada com um aditamento proposto pelo sr. dr. Carneiro Pacheco.

prontos os mancebos do contingente instruído.

Como mais ninguém quizesse tomar parte na discussão da proposta na generalidade, o sr. presidente abriu a discussão na generalidade da proposta acerca da urbanização da Costa do Sol.

O sr. dr. Aguedo de Oliveira, afirmando que o parecer da Camara Corporativa acerca desta proposta é meramente laudatorio, propôs que se adiasse para amanhã a sua apreciação, o que foi aprovado.

A sessão foi encerrada ás 16 e 45.

Informou depois o sr. dr. José Alberto dos Reis, que tinha na mesa um pedido para o deputado sr. dr. Rodrigues de Almeida depor como testemunha num julgamento no Porto e interrogou aquele membro da Assembleia Nacional sobre se ha ou não vantagens em ser concedida a autorização pedida.

—Não reconheço vantagem no meu depoimento— respondeu.

—Então proponho que se negue a autorização solicitada— disse o sr. presidente.

A base VII foi aprovada com um aditamento do sr. dr. Aguedo de Oliveira e a VIII com uma proposta de emenda do sr. dr. Carneiro Pacheco.

A base IX foi aprovada com o aditamento do sr. dr. Francisco Machado.

As restantes bases foram aprovadas com a redacção da proposta.

Passou-se a seguir á discussão na generalidade da proposta que altera a data da incorporação de recrutados.

O sr. Melo Machado declarou parecer-lhe infeliz a alteração proposta, visto que, se fosse aprovada, se privaria a lavoura, num periodo activo, de braços valiosos e se impediam os camponeses de ganhar o seu pão, justamente na altura em que melhor o podiam fazer.

Subiu depois á tribuna o sr. general Schiappa de Azevedo, que manifestou a opinião de que o caracter permanente da proposta é inconveniente e enviou para a mesa um documento propondo que se altere o corpo do artigo em discussão de forma a applicar-se este ano, isto é, a fazer-se a incorporação dos recrutados de 25 a 30 do corrente.

—Não reconheço vantagem no meu depoimento— respondeu.

—Então proponho que se negue a autorização solicitada— disse o sr. presidente.

O sr. dr. José Alberto dos Reis declarou a seguir ter recebido uma proposta do governo que cria a representação diplomatica de Portugal na União Sul Africana.

Pediu depois a palavra o sr. dr. Vasco Borges:

—Pedi a palavra para solicitar uma informação, mas como necessario de proceder o meu pedido das minhas palavras, quero dizer que sou inimigo da oratoria vazia de idéas, falta de acanço.

Com a sua voz sonora e energica, proseguiu:

—Encontro-me ainda sob a emoção intensa que o espectáculo de ontem produziu em mim. E' que eu partilhei da emoção dos portugueses que assistiam á chegada do «Afonso de Albuquerque».

O sr. dr. Aguedo de Oliveira, afirmando que o parecer da Camara Corporativa acerca desta proposta é meramente laudatorio, propôs que se adiasse para amanhã a sua apreciação, o que foi aprovado.

A sessão foi encerrada ás 16 e 45.

O sr. dr. Aguedo de Oliveira, afirmando que o parecer da Camara Corporativa acerca desta proposta é meramente laudatorio, propôs que se adiasse para amanhã a sua apreciação, o que foi aprovado.

Reuniram-se tambem hoje as secções 15.ª (Interesses espirituais e morais) e 16.ª (ciencias, letras e artes) para estudo do projecto sobre «asilos agricolas» intervinho nos trabalhos os srs. drs. Carneiro de Mesquita, Carlos de Azevedo Mendes, Julio Dantas, Duarte de Oliveira e José de Figueiredo; Tertuliano Marques e Ivo Cruz e D. Maria José Novais.

Em conjunto reuniram-se igualmente as secções 15.ª e 22.ª para estudo do projecto sobre «Junta das Missões» e 22.ª e 18.ª para o estudo de alterações ao Acto Colonial.

Reuniu-se isoladamente a 16.ª secção que estudou o projecto sobre «Ensino tropical».

Foram convocadas para depois de amanhã as secções, 13.ª, 10.ª, 13.ª, 23.ª e 18.ª.

—Encontro-me ainda sob a emoção intensa que o espectáculo de ontem produziu em mim. E' que eu partilhei da emoção dos portugueses que assistiam á chegada do «Afonso de Albuquerque».

Outra frase:

—Mas esta hora gloriosa e feliz não se passou sem uma palavra dos sistematicos demolidores do prestigio nacional.

Referiu-se depois á noticia publicada num jornal inglês a que se refere a nota officiosa da presidencia do Conselho, que os jornais da manhã inseriam, acrescentando:

—Essa noticia não pode passar sem um protesto nosso.

E com voz bem alta: A Republica tinha desde 1910 uma divida para com a Marinha de Guerra. Pagou-a o sr. dr. Oliveira Salazar, que vai tambem pagar a divida que a Republica tem para com o Exercito. (Aplaudos).

E, por fim, disse o sr. dr. Vasco Borges:

—Quería perguntar se a delegação ontem encarregada de cumprimentar o sr. presidente do Conselho pela chegada dos dois novos navios de guerra, foi tambem incumbida de apresentar ao sr. dr. Oliveira Salazar os protestos da Assembleia pela referida noticia.

O sr. presidente esclareceu:

—Esse facto ainda não era conhecido ontem...

O sr. dr. Vasco Borges explicou que já antes do *Diario de Lisboa* ter publicado a noticia, algumas pessoas tinham conhecimento do facto, dizendo ainda:

—Proponho então que a mesma delegação transmita ao sr. presidente do Conselho os protestos da Assembleia Nacional.

O sr. dr. José Alberto dos Reis consultou sobre a proposta do sr. dr. Vasco Borges, que foi aprovada, e o sr. dr. Marão de Figueiredo disse:

—Proponho que se substitua a palavra protesto pela palavra desprezo.



O tenente-coronel avator do Exercito brasileiro, sr. Angelo Mendes de Moraes, que se encontra em Lisboa, onde veio propositadamente para assistir á largada do arifio «Salazar», após hoje um ramo de flores no monumento aos Mortos da Guerra, na avenida da Liberdade. O bustre official, que era acompanhado pelo pessoal da Embaixada do seu pais, era aguardado junto do monumento por varias entidades officiais, entre ellas os srs. tenente-coronel Esmarado de Carvalho, capitão Santana, major Pinheiro Correia, tenente Costa Macedo, etc.

Hoje no TIVOLI: ás 9,30, o celeberrimo

CÔRO DOS COSACOS DO DON

dirigido por SERGE JAROFF

Amanhã: Segundo e ultimo concerto dos COSACOS

O actor Procopio Ferreira fala-nos da sua estreia e da peça «Deus lhe pague»

E' finalmente hoje a estrela de Procopio Ferreira, no teatro do Gimnasio, com a comédia «Deus lhe pague», do escritor brasileiro Joracy Camargo.

Sabe-se que Joracy Camargo é o autor predilecto do grande actor que o publico de Lisboa vai conhecer esta noite. Identificado com a sua obra, ninguém melhor do que o intérprete para falar da peça da sua apresentação.



PROCOPIO FERREIRA

Fomos, por isso, ouvir Procopio Ferreira, que amavelmente nos disse o seguinte sobre «Deus lhe pague»:

—«Deus lhe pague», antes de mais nada, é uma peça profundamente humana. Produto de uma ansiedade universal, pode-se dizer que corresponde plenamente ás preocupações ambientes, quando Joracy Camargo, com a firmeza a que já nos habituamos em trabalhos anteriores, respondeu a uma série de perguntas que um longo periodo de transição suscitara ás colectividades, cada qual em seu sector.

«Daí, a meu vêr, o êxito, por assim dizer, diferente, alcançado pela comédia. A amplitude da sua concepção deu-lhe um aspecto panoramico da vida moderna, impedindo, assim, que a classifiquemos neste ou naquele genero, ou que a enquadremos nesta ou naquela escola ou ideologia. Todos os problemas humanos, abordados pelo autor são tratados sem a preocupação de impôr idéas ou teorias. Por outro lado, a nova tecnica empregada favorece sobretudo o desenvolvimento dos temas, que são multiplos, mas subordinados a uma necessaria e atraente acção teatral. Confio, portanto, no êxito de «Deus lhe pague», não só firmado no valor da peça, mas certo de que a sua apresentação muito lucrará com a solida e organizada cultura do publico que frequenta o bom teatro em Lisboa».

—«Daí, a meu vêr, o êxito, por assim dizer, diferente, alcançado pela comédia. A amplitude da sua concepção deu-lhe um aspecto panoramico da vida moderna, impedindo, assim, que a classifiquemos neste ou naquele genero, ou que a enquadremos nesta ou naquela escola ou ideologia. Todos os problemas humanos, abordados pelo autor são tratados sem a preocupação de impôr idéas ou teorias. Por outro lado, a nova tecnica empregada favorece sobretudo o desenvolvimento dos temas, que são multiplos, mas subordinados a uma necessaria e atraente acção teatral. Confio, portanto, no êxito de «Deus lhe pague», não só firmado no valor da peça, mas certo de que a sua apresentação muito lucrará com a solida e organizada cultura do publico que frequenta o bom teatro em Lisboa».

Um homem carbonizado num incendio

SANTAREM, 8.—Hoje de madrugada manifestou-se em Vila Moreira, concelho de Alcanena, um violento incendio, provocado por uma explosão de gasolina.

No rescaldo foi encontrado um cadaver completamente carbonizado e irreconhecivel. Além do causador involuntario do sinistro, o «chauffeur» Francisco dos Santos Mendes, ficaram muito queimados, tendo que recolher ao hospital de Alcanena, José Constantino Duarte, Luiz Fernandes, Antonio Coelho Raposo, Manuel Domingos Antunes, Gil dos Santos Boieiro, José dos Santos Cardoso e Antonio Francisco Neto.

Os estragos materiais são importantes. Acudiram os bombeiros de Santarem e Torres Novas.

Pinto
seus
belos
K
C
M
U
e sei
sempre
jovem
REPRESE
M
Avenida
Reis, 16
Tote
DEPO
F
Roc

Filas e papeis chimicos
para maquinas de escrever
e reparações garantidas

—CASA ANÃO—
Rua dos Fanelhos, 376-2.º
Telefone 2 8155

A Cidade

Escrita á Maquina
Ensino individual, ao nosso escritorio.
Habilitação completa 100\$00
ou mensalidade desde 30\$00.

Aluguer de maquinas á hora
ESCOLA COMMERCIAL PORTUGUESA
POR CORRESPONDENCIA
Rua do Arsenal, 54, 3.º-LISBOA

O funeral do tenente Manso Lefèvre constituiu uma imponente e sentida manifestação de pesar

Adinda o fim do cortejo ia no Terreiro do Paço e já o carro funerarío passava o Rossio. Isto dá bem a idea da grandiosidade do prestíto que por deferencia especial do sr. general Daniel de Sousa, presidente da comissão administrativa da Camara Municipal, pôde subir a avenida da Liberdade pela parte central.

dum dos seus elementos novos de maior valor. Todos os seus camaradas, velhos e novos, se curvaram perante este moço que soube dignificar a farda da marinha, procurando engrandecê-la pelo trabalho, pela intelligencia e por uma larga cultura intellectual. Ainda que com pouco tempo na corporação, contava em cada official um amigo, uns estimavam-no pelo conhecimento directo, outros apreciavam-no pelo conhecimento dos seus trabalhos. Era dum simplicidade, propria das grandes almas, excelente camarada, imensamente simpatico a todos.

Hoje vimos aqui, nós, os companheiros de tenente Manso Lefèvre, para cumprirmos o sacratissimo dever de acompanhar ao seu ultimo descanso o amigo querido, o companheiro correto, leal e valoroso que o Destino quiz que desaparecesse do nosso convívio. Quem conheceu o tenente Manso Lefèvre não poderá ficar insensível a dor profunda dos seus camaradas que, em romagem sincera, vêm aqui dizer-lhe o ultimo adeus.

No Alto de S. João

A' porta do cemiterio do Alto de São João, via-se formado um pelotão de guarda de honra de artilharia naval, com a respectiva banda, comandado pelo 2.º tenente sr. Ornelas e Vasconcelos.

A Escola Profissional D. Maria Pia, —onde a má do infortunado official é professora— estava representada por 50 alunos dirigidos por um profetor—

depois de ter caído num grande abanico, vê o seu proprio ressurgimento e que tantos elementos de valor e de estado são precisos para uso e aproveitamento da material moderno, é que desaparece um dos seus elementos melhores e de quem muito havia a esperar.

Desde a escola, o tenente Manso Lefèvre manifestou as suas qualidades excelentes de estudo, especializando-se mais tarde em uma Escola Naval Inglesa, como official artilheiro, e sempre mereceu as maiores e melhores referencias e elogios dos seus superiores nessa escola, onde são poucos prodigos em referencias elogiosas.

Na vida de bordo, o bom tenente Manso Lefèvre manifestou sempre o que era de esperar do seu espirito superior, correção, lealdade, excelencia de caracter e bellissima camaradagem.

Era um bom, sem um só inimigo, afavel, simpatico e com uma só divisa trabalhava para honrar a Patria e a corporação a que pertencia.

Pronunciada estas singelas palavras: official da velha guarda, que sabe apreciar todos os novos que, cheios de orgulho pela sua corporação, professam por ela a maior veneração e respeito que se traduz pelo estudo de tudo quanto interessa á sua profissão.

Assim é, que tive o prazer de ler e aprender, e acentuo bem a palavra aprender, nos relatorios que o tenente Manso Lefèvre enviava da sua missão em Londres.

Em todos esses relatorios havia a apreciar a correção e clareza da exposição com que tratava todos os assuntos verdadeiramente praticos que podiam interessar á Marinha de guerra e em especial á artilharia.

Não pretendo demorar estas palavras, pois todas as pessoas que aqui se encontram estão sob o peso angustioso duma dor imensa que a todos nós atormenta, ao verificarmos a perda dum ente querido. Desejo, porém, em nome da direcção do Material de Guerra, a que os trabalhos do tenente Manso Lefèvre mais directamente diziam respeito, fazer sentir o nosso profundissimo desgosto pela sua perda irremparavel e que se algum lenitivo pode ter um pai que perde o filho querido é aquele de vêr que uma corporação inteira, os velhos e os novos officiaes, prestam a sua derradeira homenagem de saudade a um companheiro que desaparece e que tanta falta faz.



O comandante Carvalho Crato falando no cemiterio

que já se haviam conservado algum tempo no Arsenal de Marinha.

Erão 13 e 15 quando o corpo chegou, á porta do cemiterio. A banda tocou uma marcha funebre, sendo a urna tirada do carro automovel para uma carreta por um grupo de officiaes inferiores da Escola de Artilharia Naval, enquanto o pelotão fazia as descargas da ordenança.

Depois da encomendação da urna, na capela, o cortejo dirigiu-se para o jazigo da familia do extinto.

depois de ter caído num grande abanico, vê o seu proprio ressurgimento e que tantos elementos de valor e de estado são precisos para uso e aproveitamento da material moderno, é que desaparece um dos seus elementos melhores e de quem muito havia a esperar.

Desde a escola, o tenente Manso Lefèvre manifestou as suas qualidades excelentes de estudo, especializando-se mais tarde em uma Escola Naval Inglesa, como official artilheiro, e sempre mereceu as maiores e melhores referencias e elogios dos seus superiores nessa escola, onde são poucos prodigos em referencias elogiosas.

Na vida de bordo, o bom tenente Manso Lefèvre manifestou sempre o que era de esperar do seu espirito superior, correção, lealdade, excelencia de caracter e bellissima camaradagem.

Era um bom, sem um só inimigo, afavel, simpatico e com uma só divisa trabalhava para honrar a Patria e a corporação a que pertencia.

Pronunciada estas singelas palavras: official da velha guarda, que sabe apreciar todos os novos que, cheios de orgulho pela sua corporação, professam por ela a maior veneração e respeito que se traduz pelo estudo de tudo quanto interessa á sua profissão.

Assim é, que tive o prazer de ler e aprender, e acentuo bem a palavra aprender, nos relatorios que o tenente Manso Lefèvre enviava da sua missão em Londres.

Em todos esses relatorios havia a apreciar a correção e clareza da exposição com que tratava todos os assuntos verdadeiramente praticos que podiam interessar á Marinha de guerra e em especial á artilharia.

Não pretendo demorar estas palavras, pois todas as pessoas que aqui se encontram estão sob o peso angustioso duma dor imensa que a todos nós atormenta, ao verificarmos a perda dum ente querido. Desejo, porém, em nome da direcção do Material de Guerra, a que os trabalhos do tenente Manso Lefèvre mais directamente diziam respeito, fazer sentir o nosso profundissimo desgosto pela sua perda irremparavel e que se algum lenitivo pode ter um pai que perde o filho querido é aquele de vêr que uma corporação inteira, os velhos e os novos officiaes, prestam a sua derradeira homenagem de saudade a um companheiro que desaparece e que tanta falta faz.

O sr. capitão de mar e guerra Carvalho Crato, director do Material de Guerra Naval, visivelmente comovido, pronunciou o seguinte discurso:

«Meus senhores e minhas senhoras: E' com a maior mocua e um desgosto profundo que venho prestar o meu preito de saudade por um bom camarada que desaparece. Vou dizer apenas algumas palavras de sinceridade e de saudade, proprias de marinheiros que expõem constantemente a vida na triste labuta do mar e que, em palavras rudes mas sinceras, costumam dizer o que sentem.

Lastima a corporação da Armada a perda

O sr. capitão de mar e guerra Carvalho Crato, director do Material de Guerra Naval, visivelmente comovido, pronunciou o seguinte discurso:

«Meus senhores e minhas senhoras: E' com a maior mocua e um desgosto profundo que venho prestar o meu preito de saudade por um bom camarada que desaparece. Vou dizer apenas algumas palavras de sinceridade e de saudade, proprias de marinheiros que expõem constantemente a vida na triste labuta do mar e que, em palavras rudes mas sinceras, costumam dizer o que sentem.

Lastima a corporação da Armada a perda

Drigramos o funeral e segundo-tenente maculista sr. Alfredo Martins, tio do falecido official, e os srs. Alfredo Vieira Pinto e Pedro Bortallo Pinheiro.

Este ultimo representava os srs. conselheiro Martins de Carvalho e dr. Augusto Vaz.

Prisão movimentada de quatro vigaristas

Na terça-feira de Carnaval, umas mulheres que estavam conversando na Costa do Castelo repararam, a certa altura, que quatro individuos insistiam com um velho, procurando convencê-lo de qualquer coisa que não se percebia o que fosse.

Intrigadas com o caso, como nessa occasião passasse um marinheiro, as mulheres chamaram-lhe a atenção para a impertinencia dos desconhecidos, os quais, ao perceberem que estavam sendo vigiados, delataram inesperadamente a correr, rum fóra, perseguidos pelo aludido marinheiro e por varios populares.

Três deles foram presos na rua da Madalena, conseguindo o outro escapullir-se.

Um dos fugitivos, no momento da captura, arremessou ao chão uma corrente e um relógio. Uma vez no Tercel, averiguouse que se tratava de Lino Ernesto Freire, conhecido pela alcunha de «Portugal», com 21 prisões por furto, Eduardo Esteves Alves, com 25 prisões, e Canuto Gaspar da Silva, com 15 prisões.

O outro, o que conseguira escapar aos perseguidores, apresentou-se mais tarde ao Governo Civil com uma mania para entregar aos seus colegas, e foi então preso.

Chama-se José Martins Correia e tem no cadastro 18 prisões, igualmente por furto.

Interrogados pelo agente Falcão, declararam ignorar a quem pertencem a corrente e o relógio que haviam deixado fóra.

A Policia, porém, averiguou que elles roubaram os gludios objectos a um individuo a quem impingiram o «conto do vigario».

Os presos vão ser julgados no Tribunal dos Pequenos Delitos, como vadios.

O PORTO pelo telefone

O funeral do bombeiro

Com grande imprompto está-se realizando o funeral do bombeiro voluntario do Porto, Teodoro de Faria Junior, vítima do lamentavel desastre de domingo de Carnaval. Dada a escassez de tempo para a transmissão desta noticia, impossível se nos torna detalhar o que está sendo aquela manifestação funebre que é das maiores realizadas nesta cidade.

Cerca de cinquenta corporações se fizeram representar, enviando os seus piquetes, bandeiras e viaturas. Do Porto, estiveram presentes todas as corporações de bombeiros e a Cruz Vermelha.

E de Lisboa, fizeram-se representar a 1.ª, 2.ª e 3.ª secções de voluntarios, e a Cruz de Malta. Pelas ruas do percurso, uma enorme multidão aguardava a passagem do cortejo funebre, vendo-se muitas senhoras chorando.

No templo da Trindade, que estava repleto, apenas entrou uma pequena parte das pessoas que constituam o acompanhamento. Entre numerosas senhoras que all estavam grande, encontrava-se a actriz Beatriz Costa que veio expressamente a esta cidade assistir ao piedoso acto. As numerosas listas de assinaturas, foram cobertas em breve tempo com os nomes de pessoas de todas as categorias sociais.

Os prontos-socorros transportavam grande numero de coroas e ramos, seguindo num dos carros dos Portuenses os voluntarios desta corporação que foram victimas do mesmo desastre e que ainda se encontram em tratamento.

Um furto de 150 contos

Os agentes Robalo e Vasconcelos estão procedendo a investigações, em S. João da Madeira, acerca de um furto de 150 contos feito á firma Gomes & Correia daquella localidade.

Evasão de presos

Evadiram-se da cadeia de Sintra os reclusos Carlos Lopes, Augusto Pereira, Manuel Pinheiro, Manuel Pedro e Manuel Felix.

As mais lindas flores naturais são da

CASA PARIS-CHIADO

R. GARRETT, 64

Mundanisimo
ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:
D. Luiza Belrão da Veiga, D. Joana de S. Mamede Teixeira, D. Maria Isabel Reynolds Graça Zagalo, D. Francisca Refoada de Mendonça Couto, D. Maria Innocencia de Fiuza Peresirelo, D. Florbela Justice de Aguiar Worm, D. Maria de Lima Mayer Ulrich, D. Maria Clara Roquete Viana, D. Tereza Pereira da Silva (Berliandos) D. Isabel Tameirão (Valado), D. Maria do Carmo Crespo de Sampaio, D. Beatriz Maria Nobrega da Silva, D. Maria do Carmo Sepulveda de Figueiredo Abranches e D. Julia Sousa Lobato.

CASAMENTOS

Realizou-se na paróquia de Santa Justa e Rufina, o casamento da sr.ª D. Mi-quelina Augusta Flor de Magalhães, filha de sr.ª D. Maria Candida Flor de Magalhães e do sr. Bartolomeu Pinto de Magalhães, secretario da Camara Municipal da Guarda, com o alferes do secretariado militar sr. Elói do Nascimento Saraiwa da Mota, filho da sr.ª D. Maria da Piedade Saraiwa da Mota e do sr. Joaquim Mota, já falecido, tendo servido de madrinhas as sr.ªs D. Lucia Saraiwa Flor, tia da noiva e D. Alda Saraiwa da Mota, irmã do noivo e de padrinhos os sr.ªs José Augusto Coelho Flor, tio da noiva e o professor Americo Marinho.

—Na paróquia Igreja dos Anjos realizou-se o casamento da sr.ª D. Otília dos Anjos Mendes Cardoso, interessante filha da sr.ª D. Eugenia Mendes Cardoso e do sr. Antonio Alberto Cardoso, com o sr. José Coutinho Garcez, filho da sr.ª D. Zulmira Coutinho e do sr. Joaquim Pereira Garcez, já falecido.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus pais, e por parte do noivo, o mal e seu irmão, o sr. Francisco Coutinho Garcez.

Fimda a cerimonia religiosa foi servido em casa dos pais da noiva um fino lanche da Pastelaria «Versailles», seguido depois os noivos para o Estoril a passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido grande numero de prendas.

NA COSTA DO SOL

No Casino Estoril

Amanhã á noite, volta decerto a ser o salão do restaurante do Casino Estoril, o ponto de reunião da nossa melhor sociedade, visto realizar-se o tradicional jantar de gala, dos nobres, seguido de baile da «Pinhata», durante o qual se ouvirão varios numeros de variedades, e será abrilhantado pela eximia orquestra «Jazz-band-Portugal».

EM VIAGEM

De Coimbra, onde estiveram passando o carnaval no Hotel Astoria, regressaram ao seu automovel, á sua casa na capital, os sr.ªs, condes de São Tiago.

—Acompanhada de sua irmã a sr.ª D. Maria do Loreto Manuel de Borja Trindade, que se encontra em franca convalescença da operação a que se sujeitou, no hospital da Universidade, feita com muito exito pelo ilustre cirurgião professor sr. dr. Bissau Barreto, regressou ontem no rapido da noite de Coimbra, a sr.ª D. Maria Luiza de Borja Trindade.

RUTHER—E' o unico tonico que alimenta o Bulho piloso devido á sua esmerada preparação, não contendo precipitado, e uma das bases principais é o enxofre. Agradavelmente perfumado, de aspecto atraente, o **Renovador RUTHER** difere de todos os produtos similares actualmente no mercado, quer nacionais quer estrangeiros. Não só pela sua magnifica preparação como pelos seus esplendidos resultados.

A venda na Drograria Açoreana, de Ferreira & Ferreira, Lda. Rua da Prata, 99-101.

VINHO DE COLARES
VIUVA GOMES
A MARCA QUE OS NOSSOS AVÓS JÁ PREFERIAM VENDE-SE EM TODA A PARTE

PRAIA DA ROCHA
S. A. R. L.
Convocação
Assembleia Geral Ordinaria

Nos termos do art.º 19 dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral ordinaria, para o proximo dia 23 de Março, pelas 15 horas, na Sede da Casa do Algarve, a rua Santa Maria, 61, a fim de auerir o Relatório da Direcção, o Parecer do Conselho Fiscal sobre as contas do ano findo, para a eleição de novos corpos gerentes, e para alocar a proposta do Conselho de Administração, tendente á concessão do Hotel. Caso não haja numero, para a Assembleia funcionar, desde que seja convocada nova reunião para o dia 10 de Abril proximo, no mesmo local e hora, e para o mesmo fim.

Lisboa, 8 de Março de 1935.
O Presidente:
Miguel Crespo

ADLER TRUMPF
Sem comentarios:

O vencedor das curvas 1,7 LITRO
BERLIM-PARIS

em 15 horas, 29 minutos

Conseguiram esta nova proeza o sr. Guilherme e a sr.ª Lotta Bahr, conseguindo assim obter a extraordinaria media horaria de 70,850 Km.



Nova Remessa
— em —
Exposição
— no —

Agente: José Cruz Alves da Silva 50, Avenida da Liberdade, 52 — LISBOA



Dóres de ouvidos... Nevralgias... São dores in- suportaveis. Mas V. Exa. tem um remedio facil, completa- mente inofensivo para o seu organismo, para se ver livre d'elas: É a Cafiaspirina. Mande já comprar um tubo e em poucos minutos verá como as dores desaparecem.

Cafiaspirina
O PRODUTO DE CONFIANÇA



RIPOGIVRE
(Ripogeadia)

Transforma maravilhosamente os vidros, dando-lhe o aspecto do vidro gravado ou decorado.



A' venda em todas as drograrias e papelarias.

LEILAO DE PENHORES

"A Comercial"

18, T. DA TRINDADE, 22 (ao Chiado) — T. 25082

Segunda-feira, dia 11, e seguintes.

ASSEMBLEIAS GERAIS

Aviso-Convocação

Nos termos do § 1.º do Art.º 58.º do Regulamento constante do decreto n.º 20.944 de 27 de fevereiro de 1932, convoco a assembleia geral ordinaria da «Lutuosia Nacional» em 1.ª convocação, para o dia 19 do corrente, pelas 21 e 30 horas, na sua sede, na rua Vi-ctor Gordon, 31, 2.º, com a seguinte or- dem da noite: Discussão e a. rogação do relatório e contas da gerencia de 1934 e parecer do conselho fiscal.

Não se realizando esta por falta de numero, fica a mesma convocada para o dia 27 do mesmo mes e á mesma hora.

Lisboa, 4 de março de 1935.
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
Lourenço Correia Gomes

Quer a sorte grande?
Habilita-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo. 115

MOBILIAS
PAPEIS PINTADOS
Cretones // Damascos // Veludos Oleados // Carpetes // Pergamoides

DE ESCRITORIO, GENERO AMERICANO E EM TODOS OS ESTILOS. Artes Decorativas DESENHOS MODERNOS SEMPRE GRANDE STOCK.

MAPLES FABRICO ESMERADO NAS NOSSAS OFICINAS

AMAZENA DE MOVELAS DO **KATHARIZ** PRAÇA CARVALHO, 12 26-L DO CALHARIZ, 28 LISBOA

PREÇOS SEM COMPETENCIA VISITEM A NOSSA EXPOSIÇÃO



Afirma-se e prova-se!...

que, em Portugal, a casa mais especia- lizada em cafes é

A Mariazinha

Rua Barros Queiroz, 26 e 28 (á igreja de S Domingos)

Sortes grandes?

so a casa COSTA, LDA. as vende 60 — Rua da Prata — 62

TORROAES
RELOJARIA DE CONFIANÇA



Relogios de parede
Despertadores dos melhores fabricantes Modelos modernissimos, de absoluta novidade 119, R. DA PRATA, 123—Telef. 24210



Beatriz de Vasconcelos
FALECEU

João Pedro de Vasconcelos, Francelli- na de Vasconcelos Carinhos e seu ma- rido, e mais familia, participam a todos os seus parentes e pessoas das suas re- lações o falecimento de sua querida es- posa, mãe, filha, sogra e irmã, e que o seu funeral se realiza amanhã, 9, pelas 15 horas, da igreja de Arroios para o cemiterio Oriental.

AGENCIA MEGA

Bevãu a. mosa CANA IMPIERIAL á venda nos Cal. s, Bars, Restaur. ntes, etc. DEPOSITARIOS: A. L. Simões & Pina L.t. — Ruadas Flores, 22

ESTRANGEIRO

SUM E' o melhor limpa metais

O momento europeu

As relações franco-alemãs BERLIM, 8.—A «Correspondencia Política e Diplomatica», escreve: «Abstrahindo das grandes diferenças, no ponto de vista dos armamentos, entre a França e a Alemanha, é indiscutível que a situação geografica do primeiro daqueles países lhe dá uma segurança que não têm outras nações. Se a Alemanha pedisse uma segurança igual, as suas forças militares deviam ser o dobro. Mas não. As exigencias alemãs são tão pequenas que não se explica como podem ser tomadas como uma ameaça para quem quer que seja. Hitler disse em Sarrebruck, falando em nome de todos os alemães: «Assim como queremos a paz, esperamos que o nosso grande vizinho a queira procurar conosco. E' preciso que os dois povos se dêem as mãos». A grandeza destas palavras está na sua simplicidade. Hitler nunca encobre a verdade com «trucs» jurídicos. Como chama as coisas pelo seu nome despiu a politica de todos os artificios e deu-lhe uma nova direcção. O regresso do Sarre ao Reich foi o primeiro passo neste caminho—a aurora de um ciclo espartano por todos os povos. Que a boa esperança não morra».—(Americana).

Protestos contra o «Livro Branco» LONDRES, 8.—O partido liberal publicou uma declaração em que protesta energeticamente contra o «tom e a substancia» do «Livro Branco», relativo aos armamentos britannicos, que foi apresentado ha dias por MacDonald. —(Havas).

Boos do escandalo Stawisky A morte de Pressard foi natural PARIS, 8.—Como noticiámos em devido tempo, mandára-se abrir um inquerito judicial acerca da morte do ex-procurador da Republica Pressard. Os medicos que fizeram a autopsia, a requerimento da familia do extinto, entregaram agora o seu relatório em que concluem pela morte natural. Em vista disto o juiz mandou arquivar os autos. —(Havas).

Condenados á morte VIENA, 8.—O tribunal de excepção condenou á morte o ferrador Franz Boeck e o operario Aloys Sedlak, por terem assassinado a proprietaria dum pequeno restaurante. Os reus foram enforcados ontem á noite no patio do Palacio da Justiça. —(Havas).

MANTEIGAS MAIS BARATAS na NOVA CASA DAS MANTÉIGAS R. DA PRATA, 88 e 90 De Vizeu com sai k. 16840 Paredes de Coura mista k. 18.000 Finissimas queijos da Serra e mais procedencias. Pedidos pelo telef. 20348

UMA LATA DE VERDADEIRAS Pastilhas VALDA Bem empregada, e utilizada á proposito resguardará vossa Garganta, vossos Bronchios, vossos Pulmões, combatendo eficazmente DEFLEXOS, BRONCHITES, GRIPPE, ASTHMA, EMPHYSEMA, etc. Encontram-se em todas as Pharmacias e Drogeries EM LÁTAS com o nome VALDA Representante H. REYNAUD LISBOA

A questão religiosa no Mexico

Desaparição misteriosa dum arcebispo MEXICO, 8.—O arcebispo Pascual Diaz desapareceu misteriosamente de Cuantlián. Corr. o boato de que foi levado em avião para os Estados Unidos. O ministro do Interior declarou que não o mandara prender. —(Havas).

Desvenda-se o misterio MEXICO, 7.—O secretario do arcebispo Pascual Diaz informou a United Press de que o arcebispo fora preso as 19 horas, no momento em que entrava em casa.

Ignoram-se as razões que motivaram a prisão do arcebispo Pascual Diaz. As autoridades ecclesiasticas estão consternadas e mostram-se apreensivas. Os membros do Governo recusam-se a fazer qualquer referenc. á prisão do arcebispo.

O arcebispo Diaz foi mencionado nas discussões que o governo recentemente formulou contra o delegado pontificio monsenhor Ruiz y Flores e contra os bispos Manrique e Sárate, que actualmente se encontram desterrados nos Estados Unidos. —(United Press).

A EXPEDIÇÃO ELLSWORTH

repete-se em setembro NOVA YORK, 8.—Lincoln Ellsworth tenciona voltar em setembro ao polo sul, a fim de realizar a terceira tentativa para atravessar a Antartida, em aeroplano, que constitua a sua maior ambição, por ser a «única façanha geografica que falta realizar». O famoso explorador diz que tem intenção de realizar os três maiores actos de audacia que se podem levar a effectuar: passar o rio Branco, no Chile; subir pelo mar, até metade do Aconcagua, nos Andes argentinos e chilenos; e ir de Santiago a Mollendo, através do deserto de Atacama. —(Americana).

Um nobre sueco desv ou 200.000 coréas dum instituição particular ESTOCOLMO, 8.—Toda a Imprensa se occupa dum grave caso de desvio de fundos, em que se encontra envolvido o barão F. W. C. Leuhusen, secretario do Palacio da Nobresa, instituição em que se realizam as assembleias da aristocracia sueca. Leuhusen dissipou o dinheiro que pertencia aos membros da referida instituição. O total do roubo eleva-se a 200.000 coréas. Dado o nome e a posição de Leuhusen, o assunto tem apalxonado a opinião publica, tanto mais que ainda não ha muito tempo outro nobre, o barão de Sternstedt, foi preso por motivo identico. —(Havas).

Os Estados Unidos e o Tribunal da Haia WASHINGTON, 8.—Roosevelt declarou que tenciona fazer uma nova tentativa no sentido de os Estados Unidos adirem ao Tribunal de Justiça Internacional da Haia. —(Americana).

RESFRIAMENTOS Contra a gripe e resfriamentos, Tegal é o remedio de resultados mais seguros. Pode ser tomado com toda a confiança em qualquer idade, pois é inofensivo. Actua rapidamente sem causar prejuizos. Tegal ataca directamente a origem da doença. A' venda em todas as farmácias. Peça o novo folheto elucidativo. Tegal, Rua Aurea, 124, 1.º — Lisboa.

Recto-Serol (Oxy-Haemorrhoidol) MERZ & CO. Recto-Serol D.R.P. Patente alemã

A posição da libra

e a situação inglesa LONDRES, 8.—O ministro das Finanças, Chamberlain, discursando ontem na Camara dos Comuns, referiu-se, em termos cheios de confiança, á actual situação da libra e ao seu futuro. «A baixa do seu valor externo», declarou—não tem relação nenhuma com qualquer facto que se passe na Gran-Bretanha, nem existe nada na sua posição actual que possa provocar em Inglaterra momentos de ansiedade.

O valor interno da libra não se alterou. E' bem diferente, porém o valor do ouro, o qual tem sofrido maiores ou menores variações. Nestas circunstancias, é materialmente impossivel estabelecer a moeda britannica numa base-ouro.

A França e os Estados Unidos possuem enormes provisões de ouro que lhes deram uma situação preponderante para exigir o padrão-ouro.

Se a Gran-Bretanha se ligass: ao padrão-ouro e consequentemente á politica financeira de qualquer dos demais países, ver-se-ia forçada, ou a desembrasar-se do ouro que possui ou a fixar a taxa do Banco. Ora, disto resultaria um complicado estado de coisas. Estou convencido de que o governo inglés não está em circunstancias neste momento de correr os riscos de pôr á libra á mercê do franco ou do dolar. E' provavel, contudo, que algum dia, não só a Gran-Bretanha mas todos os outros países voltem a um esalão-ouro internacional. No entanto não poderel pensar no facto enquanto não vir que as mesmas condições que a isso me forem, se mantenhã, de modo a ter a certeza absoluta de que não teremos de abandonar o padrão outra vez». —(Havas).

Morte de um paraquedista

COPENHAGUE, 8.—O celebre paraquedista Tranum, detentor de varios «récorde» do mundo, tentou bater mais um. Quando se encontrava a 8 mil metros de altura fez sinal ao avião para que descesse, o que este fez. Quando chegou ao solo morreu. Supõe-se que a morte foi provocada pelo esvaziamento da garrafa de oxigenio que o paraquedista levava. —(Havas).

AGUARDENTES Peal Companhia Vinico a do Norte de Portugal (Fornecedora da Presidencia da Republica)

BRANDY (Aguardente) a E. 12550 a garrafa OLD BRANDY (Aguardente velha) a E. 18500 a garrafa VERY OLD BRANDY (Aguardente velhissima) a E. 52550 a garrafa São as melhores aguardentes nacionais Encontram-se nas boas casas e na Filial de Lisboa Rua do Alecrim, 119 Telefone 2 2556

CONTRA AS HEMORROIDAS 25 ANOS DE SUCESSO INIGUALVEL! Representa as: Estabelecimentos Herold, L.ª LISBOA — R. Douradores, 7

Campbell sofreu um desastre

a 445 quilometros á hora LONDRES, 8.—O celebre corredor Campbell, conforme noticiámos, estabeleceu ontem um novo «récorde» de velocidade, percorrendo a milha á razão de 445 quilometros 495 metros á hora. Quando o «Blue-Bird» alcançara já aquela extraordinaria velocidade, o carro voltou-se e percorreu cerca de 9 metros com as rodas completamente voltadas para cima. Os pneus ficaram desfeitos e Campbell sofreu uma contusão no peito, mas sem gravidade. —(Havas).

Os separatistas lituanos

Prosegue o julgamento em Kaunas KAUNAS, 8.—Informa a agencia Etta: No tribunal de Klaipeda terminou o depoimento das testemunhas de accusação e defesa, num total de 428. As de accusação estabeleceram, de maneira decisiva, que as organizações subversivas conspiravam para arrancar o territorio de Klaipeda á Lituania, por meios revolucionarios. As de defesa não conseguiram provar que tais organizações não tivessem os fins subversivos apontados pela accusação. —(Havas).

Deputados franceses

em visita ao nosso país PARIS, 8.—O grupo parlamentar franco-português, parte amanhã para Portugal, acompanhado pelo director da Casa de Portugal sr. Ferreira dos Santos. O grupo vai em viagem de estudo e será recebido pelo chefe do Estado português e pelo presidente do Conselho, sr. Dr. Oliveira Salazar. Os excursionistas contam regressar á França em 17 do corrente. —(Havas).

A greve de Maubeuge

MAUBEUGE, 8.—Em vista dos operarios se terem pronunciado a favor do acordo de conciliação, que ante-ontem fora estabelecido entre os industriais e um grupo de trabalhadores, terminou a greve, que durava ha mais de 50 dias. —(Havas).

Missionario espião?

VITORIA, 8.—O governo do Canadá resolveu interceder a favor do missionario canadiano Norman Johnson, preso na Bolivia, como espião, a favor do Paraguay. —(Americana).

RUTHER.—Usado diariamente revigora os cabelos tornando-os soltos e brilhantes. Destina-se principalmente a todas as pessoas que desejam adquirir a coloração dos seus cabelos de uma forma lenta, progressiva, sem dar nas vistas A' venda na Drogeria Rodolfo Lima —Avenida Almirante Reis, 85.

Illustration of a man and a woman, with text: E triste sina do Portuguezes desfazerem-se do que é bom, contentarem-se com o que é mau. Fabricar Sardinhas de Conserva, que os estrangeiros consideram as primeiras do mundo, e não as saborear, francamente, francamente...

Companhia das Fabricas Ceramica Lusitania
 Grandes fabricas de bons produtos ceramicos de
TODOS OS GENEROS PARA TODOS OS USOS
 Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Setubal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUE DORA O PAIZ!

ULTIMAS NOTICIAS

ODEON — PALACIO
 A's 21 e 15
Moulin Rouge

O CONFLITO ITALO-ETIOPE

Continua o embarque de tropas para a Africa oriental
 ROMA, 8.—De Nápoles partiu ontem um navio carregado de material com destino à Africa oriental, que fará escala por Messina, a fim de receber mais material e homens. O «Adazio» partiu tambem para a Africa, levando a bordo 450 artilheiros e 75 officiaes de diversas armas. O «Francesco Christì» partiu igualmente para Africa com 50 officiaes voluntarios. O «Argentina», que chegou de Massaua, partirá novamente para ali. Esta tarde esperam-se diversos contingentes da divisão de Florença. Foram designados 27 navios para o transporte das tropas e material de guerra. De Turim partirão para a Africa oriental 450 soldados de engenharia especializados em serviços ferroviarios.—(Havas).

Uma explosão de petroleo matou 20 pessoas e causou numerosos feridos

SAINT GEORGE (Estados Unidos).
 8.—Junto dum poço petrolifero deu-se uma formidavel explosão de nitro-glicerina, que causou prejuizos materiais importantissimos e ocasionou a morte a vinte pessoas e ferimentos graves em mais de 30. Os cadaveres foram encontrados a algumas dezenas de metros do local da explosão, horrivelmente mutilados. Um automovel que se encontrava proximo do local onde se deu a explosão da nitro-glicerina ficou completamente destruido e foi arremessado a cerca de vinte metros de distancia.

O estampido da explosão foi tão grande, que se sentiu a mais de 10 milhas de distancia. Desconhecem-se mais pormenores.—(United Press).

Que se passa no Brasil?

Tumultos em Maceió
 RIO DE JANEIRO, 8.—Informam de Maceió que varios grupos armados atacaram o Palácio do Governo. A guarda fez fogo e ha varios feridos, entre os quaes se conta o chefe de Policia do Estado de Alagoas.—(Havas).

Um desmentido oficial
 RIO DE JANEIRO, 8.—Dementem-se oficialmente as noticias que circularam no estrangeiro acerca de pretensos disturbios no Brasil. As precauções militares são as que em todos os países se costumam tomar contra a propaganda comunista. A tranquillidade é perfeita em todo o país.—(Americana).

A GARRETT Largo do Chiado, 9 e 11

Almoços completos de 12 e 16 Escudos
 Jantares completos de 15 e 18 Escudos

CASA NOVA

Restaurante Dancing

(Antigo Brito!)
 Rua Jacinto do Regedor, 3
 Tel. 2 4938



Hoje, Sexta-feira, 8
 Estreia da celebre bailarina alemã
Deuby Deubner
 amanhã, Sabado, 9 e Domingo, 10
Animados bailes da Pinhata
 na proxima semana:
Casanova
 em Sevilla
 Luz: 'legria'-traçções
 O melhor serviço de ceias

A REVOLUÇÃO NA GRECIA

Os insurrectos occuparam duas ilhas e consolidaram a sua posição em varios pontos

PARIS, 8.—O enviado especial de «Le Journal» à Grecia informa: Os insurrectos, alem de se terem apoderado de Mytilene, occuparam Chios e Samos com dois adestroyers. Os rebeldes consolidaram a sua situação em Serres e Cavalla, occuparam Drama e tomaram uma parte do Epiro. A frota regular está já pronta para entrar em operações e irás contra-torpedeiros bombardearam Canéa.

Por seu turno, o enviado especial do «Petit Parisien» informa: Aviãos governamentais bombardearam Serres e os navios rebeldes «Helli» e «Paras», que estavam fundeados em Cavalla. O correspondente do «Petit Journal» comunica que os venezelistas occuparam Larissa e que abateram dois aviões que tentavam perseguir o cruzador «Averoff». Alem disso, recia-se que os insurrectos façam um ataque contra o Pireu.—(Havas).

Duelo de artilharia

SOFIA, 8.—Ouvia-se distintamente esta manhã, no posto da fronteira bulgará de Kola, o troar e o interrupto da artilharia em direcção à ponte sita junto de Demi-Hissar. E' impossivel por enquanto obter informações precisas acerca do que se está passando.—(Havas).

A luta na Macedonia

ATENAS, 8.—Na Macedonia as forças governamentais estão a travar violentos combates com os revoltosos, havendo bastantes baixas de parte a parte.

Esta manhã os forces fiéis desencadearam uma formidavel ofensiva contra os rebeldes, que cederam terreno em alguns pontos. As forças governamentais eram constituídas pela artilharia, infantaria e cavalaria apoiadas por aviões.—(United Press).

Uma grande ofensiva

ATENAS, 8.—O mau tempo continua a perturbar as operações, mas os preparativos para uma grande ofensiva contra os revoltosos continuam activamente.—(Havas).

A situação em Salonica

SALONICA, 8.—Descobriu-se um verdadeiro arsenal num cemiterio desta cidade, cujo guarda é um co-

Tumultos graves em Viena

VIENA, 8.—Nos suburbios da capital travou-se esta manhã, violento tiroteio entre varios grupos de comunistas e a Policia, em consequencia do que resultou haver alguns mortos e feridos. Fizeram-se muitas prisões. Foram tambem presos varios nazis na ocasião em que distribuíam folhetos de propaganda hitleriana.—(United Press).

O desemprego nos Estados Unidos

WASHINGTON, 8.—Segundo declarações feitas pelo presidente da Federação Americana do Trabalho, sr. William Green, verifica-se que durante o mês de janeiro ultimo foram collocadas 632.000 pessoas que se encontravam sem trabalho.—(United Press).

nhecido venezelista. A fim de facilitar a navegação internacional, abriu-se uma estreita passagem no barragem de minas que foi collocada á entrada do porto de Salonica.—(Havas).

Precauções da Turquia

ANKARA, 8.—A pedido das autoridades gregas, o governo proibiu que fundeassem nos portos turcos cinco navios helenicos.—(Havas).

Que prepara a Bulgaria?

BELGRADO, 8.—«Que se prepara na Bulgaria?»—pregunta o jornal «Novosti», de Zagreb, que enumera as recentes decisões tomadas pelo governo de Sofia: passagem á reforma de muitos officiaes, convocação do Conselho Superior de Guerra, precauções militares da fronteira grega.

—A entente balcanica—escreve o autor do artigo—garante a independencia dos Estados signatarios deste instrumento e a intangibilidade das suas fronteiras. Quem atravessar a fronteira grega defrontar-se-á com a «frente comum» dos povos balcanicos Jugoeslavia, Turquia e Romania, que defenderão a integridade e a liberdade da Grecia, se algum tentasse uma incursão no territorio desta.—(Havas).

Aprensões em Genebra

GENEVA, 8.—Os acontecimentos da Grecia e bem assim os que se estão a dar—em toda a peninsula balcanica—são seguidos pelos circulos internacionais com o maior interesse.

Após a dupla diligencia de ontem junto do secretario geral da S. D. N., feita pelo representante da Bulgaria, Antonoff, e pelo ministro da Turquia, Kemal Husnu, ha a registar a audiencia pedida pelo representante da Grecia ao secretario geral da S. D. N. e que se realiza esta tarde.—(Havas).

Navios italianos para o mar Egeu

ROMA, 8.—Anuncia-se oficialmente que o Governo italiano ordenou que três barcos de guerra seguissem imediatamente para o mar Egeu, onde aguardarão as respectivas instruções.—(United Press).

NOTICIAS DE ESPANHA

Greve no interior dum mina

OVIEDO, 8.—Anuncia-se que os mineiros que se declararam em greve, no dia 2, na mina de Dura Felguera, continuam no interior da mesma, negando-se terminantemente a sair da mina.

Alguns guardas de assalto que tentaram penetrar no interior da referida mina foram hostilizados pelos mineiros grevistas, motivo por que tiveram de abandonar o seu intento.

Forças da legião estrangeira patrulham rigorosamente os arredores da mina de Dura Felguera, a fim de capturar os grevistas, quando tentarem fugir do seu refugio.—(United Press).

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

Combate-se nas ruas de Cuba

A agitação assume aspectos graves
 HAVANA, 8.—A população desta cidade vive horas de intenso terror e angustia, pois ninguém pode ainda prever quais as consequências graves que podem resultar do facto do governo cubano persistir em não se demittir.

Durante a madrugada de hoje explodiram dezenas de bombas em varios pontos da cidade, as quaes causaram grandes prejuizos, dez mortos e muitos feridos.

Varios grupos de comunistas travaram, em pleno coração da cidade, vivo tiroteio com forças de Policia. Houve de ambos os lados grande numero de mortos e feridos.

Forças de marinha tomaram esta manhã conta das estações officiaes de Radio.

Os edificios publicos continuam occupados por forças militares que se encontram fortemente armadas e providas com material de guerra moderno.

Em algumas arterias da cidade foram construídas pelos militares barricadas com arame farpado.

A greve do pessoal dos Correios e Telegrafos e Communicações é geral e abrange toda a ilha de Cuba. Aquelles serviços estão a ser desempenhados por forças de engenharia.

Os médicos e os enfermeiros dos hospitais e policlinicas declararam-se em greve, por solidariedade com os grevistas academicos.

Como se annunciara, oportunamente, os empregados dos ministerios do Comercio e da Saude Publica declararam-se esta manhã em greve.—(United Press).

Greve de funcionarios publicos

HAVANA, 8.—Todos os funcionarios publicos se declararam hoje em greve. Os edificios publicos continuam a ser guardados pela tropa.—(Havas).

Descoberta de novas terras

WASHINGTON, 8.—Anuncia-se que o explorador norte-americano Bradford Washburn, num recente vôo que realizou ás regiões antarticas, descobriu novas terras que não estão marcadas em qualquer mapa.

Naq terras agora descobertas por Washburn existem enormes cordilheiras, que medem mais de 10.000 metros de altura.—(United Press).

Tremores de terra na California

LONG BEACH, (California), 8.—Sentiram-se ontem, nesta cidade, dois violentos abalos sísmicos, que causaram prejuizos materiais de alguma importancia. Em outras cidades proximas sentiram-se tambem tremotos, que ocasionaram grandes danos, duas mortes e alguns feridos. Press).

O Exercito norte-americano

WASHINGTON, 8.—O Senado approvou de lei para que o exercito regular norte-americano seja aumentado em 46.000 homens.—(United Press).

“BAILE DA PINHATA” no JARDIM CINEMA

Foram os Bailes de Carnaval nos vastos Salões do Jardim Cinema considerados os mais concorridos, brilhantes e animados e assim a Empresa entendeu, como indispensavel complemento, realizar nos mesmos elegantes salões um grandioso Baile da Pinhata, amanhã, sabado, 9, que terá inicio ás 22 horas.

as 5 horas chá
PAT SERRIE VERSAILLES

No São Luiz: Um grande espectáculo
Harry Flemming e a sua Troupe
Na tela: HOLLYWOOD EM FESTA

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

UM ANIVERSARIO

"ORPHEU"

Quais as características dessa revista literaria que
lão profundamente influuiu no pensamento português

A 21 de março de 1915 Lisboa conhece o primeiro numero da revista literaria «Orpheu». Passados vinte anos, como ninguém até hoje tivesse a curiosidade de escrever a sua historia que o publico desconhece, agradecemos ao suplemento literario do «Diário de Lisboa» o convite que para este fim dirigiu ao colaborador de «Orpheu» que assina estas linhas.

Na formação de «Orpheu» os primeiros nomes que aparecem são os do poeta português Luis de Montalvor e o do escritor brasileiro Ronald de Carvalho.

Ronald de Carvalho ha bem pouco falecido no Brasil vítima de um desastre de automovel, era além de escritor, diplomata e secretario da Presidencia da Republica, tendo sido recentemente eleito «Príncipe das Letras Brasileiras».

A seguir vem Fernando Pessoa e Mario de Sá-Carneiro.

A estas juntam-se-lhes José Pacheco, Santa-Rita Pintor, José de Almada Negreiros, Eduardo Guimarães (brasileiro), Alfredo Guisado e Cortes Rodrigues.

Tiveram colaboração extra, o poeta Angelo de Lima e o filosofo dr. Raul Leal.

Morreram já Mario de Sá Carneiro, Santa Rita Pintor, Angelo de Lima, José Pacheco e Ronald de Carvalho.

E eis o nome de todos e quantos colaboraram em «Orpheu».

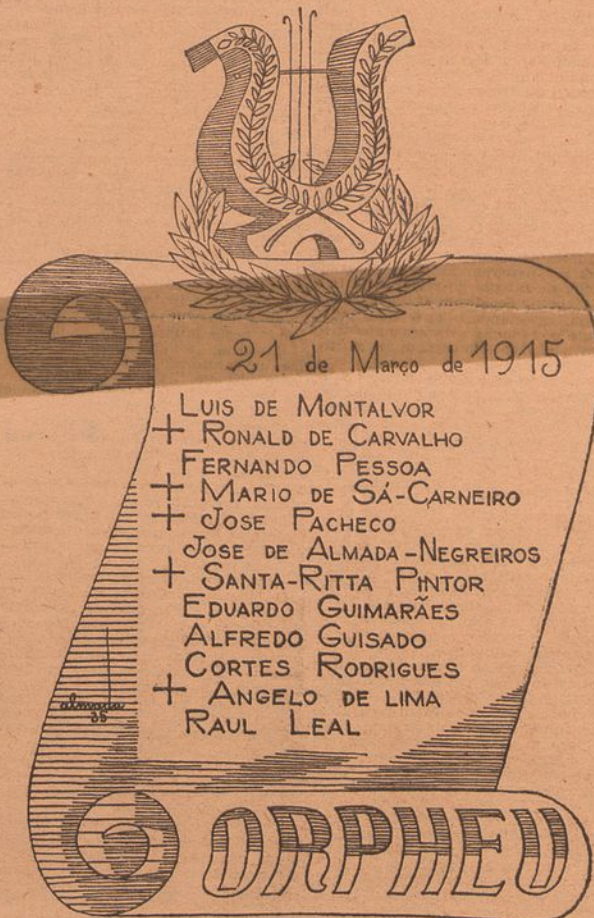
O escandalo que o aparecimento de «Orpheu» produziu no publico, foi e ficou inédito na vida literaria portuguesa. Portugal leitor, de Norte a Sul, delirava de regozijo, exactamente como se cada português tivesse sido o achador daqueles loucos á solta. Nem mais nem menos.

Foi essa a reacção mais viavel encontrada pelos leitores de «Orpheu» para justificar o incómodo que a revista lhes causou lá em seus ripanços.

Não tinha sido tão conscientemente que fizémos tais rivais. Não os tinamos adivinhado tão concretos. Pelo contrario, julgavamos os erros que atacavamos e a rotina que que íamos romper como defeitos de nós todos, mais do que apenas de alguns que se sentiram lesados nos seus prestígios.

Mas, não é verdade que parece extraordinario uma revista literaria ter o condão de fazer saltar dos seus respectivos buracos tanta gente sensata, indignada com tal emprego das palavras?! Não é verdade que autenticos loucos, não era esta a especie de indignação que provocariam nas gentes?!

Mais extraordinario parecerá ainda quando se disser que «Orpheu» era exclusivamente litera-



si pela mesma té na elite de Portugal. As suas personalidades vinham já esclarecidas o bastante para uma digicdade comum, por isso mesmo eram portugueses sem sermos nacionalistas, nem regionalistas, nem indigenistas. Queriamos apenas o mais tíffici dos titulos portugueses: sermos portugueses simplesmente!

A «Historie du Portugal par coeus» de Jose de Almada Negreiros e a «Mensagem» de Fernando Pessoa, duas produções portuguesas que tiveram a acceitação de todos, são dois documentos portugueses, sem nacionalismos, sem regionalismos, nem indigenismos. Os seus autores são dois colaboradores de «Orpheu».

São documentos portugueses, disse, mas portugueses de Portugal, do unico Portugal comum a todos os portugueses. Mas há já muito tempo que deixou de haver portugueses em Portugal. Foi então que conheceu o português á antiga portuguesa, que é mais moderno que o português, e é o resultado de estarem interrompidos os portugueses: escreve Fernando Pessoa em 1923. E outro colaborador de «Orpheu» enviava de Madrid em 1923 uns versos onde se lia:

«E' fado nosso,
é nacional,
não ha portugueses,
ha Portugal.»

Ora o que queriam os colaboradores de «Orpheu» era que houvesse Portugal e tambem portugueses. Portugueses sobretudo, visto que Portugal já há «Orpheu» dirigia-se especialmente ao caso das varias pessoas portuguesas, aos varios casos do português, ao português.

E' mesmo este o unico caminho para ir á conquista da elite portuguesa. A elite é coisa muito séria, é até a mais séria de todas onde haja um povo; não cuida apenas do governo do povo pois que reconhece já a pessoa humana tambem. A elite não se resume na ciencia politica, é sobretudo o conhecimento do humano, o que é de carne e osso.

São as possibilidades individuais portuguesas o que falta sobretudo em Portugal.

O unico exemplo que vale para as pessoas é o exemplo dos heróis. Herói é aquele que se ultrapassa, que vale além das possibilidades comuns. Ora as possibilidades comuns portuguesas já cá estão, já são comuns; e agora vamos a outras, a novas, portuguesas tambem, nossas!

Outra característica de «Orpheu» era o europeismo.

(Ver continuação na 7.ª pá.)

rio, que não tinha o mais pequeno vislumbre politico, que não era como os jornais e revistas literarias portuguesas da actualidade, nas quais é afinal a politica que se mascara de letras. «Orpheu» era honradamente literario!

Sem programa, a não ser o de reunir autores, assim se fez «Orpheu». Todos autores e sem chefes, o que de verdade só é possível entre gente de Arte. Independência da colaboração. Até a ortografia era a dos «utores». E foi esta independência da colaboração o que afinal deli-

xava perceber uma unanimidade de idéas entre os seus colaboradores: A necessidade da «elite» portuguesa, a qual não estava no seu lugar, a qual não estava em parte nenhuma!

Estava deshabitada a cabeça de Portugal!

A razão de «Orpheu» era profundamente aristocratica, não no seu efémero sentido de sangue, mas na sua verdadeira essencia de valores.

«Orpheu» era uma consequencia fatal de determinados portugueses, desligando-se dos outros portugueses, porém ligados entre

Lumen in Coelo

POR JOAQUIM MANSO

A's oito e vinte, o comboio abalou enchendo de fumo e de estrondo a «rare» do Norte onde o relento das mil coisas que o tempo acumula, na mudez e na inexpressão, parecia querer respirar, gritar e ulvar, com a impaciencia rotante e silvante das locomotivas. Impressão penetrante de frio, de humidade, de neve caida dum ceu baixo e opaco, no qual se macerava a entranhada magua da prece que não vence a abobada, arrefecendo nos labios que a proferem, sobre lousas medievias, com largos epitafios.

Um amigo que me trouxera as suas affectuosas despedidas e um pouco de calor intimo e communicativo, com que Portugal marca a sua posição em todas as latitudes, ofereceu-me os jornais da manhã, ainda frementes da tinta de impressão.

Noticias frescas e sensacionais do accordo anglo-francês... A Franca e a Inglaterra abraçam-se no ar com as suas esquadrihas de aviões, em marchas rápidas sobre o Reno.

—Como tenho três horas diante de mim, viajarei, por pensamentos, em companhia de MacDonald e Flandin—architectos da paz e do arco-iris sobre a Mancha.

Um ultimo adeus e logo os vagons sobre os rails vão arrastando um troço de baços viajantes que apressadamente dormiram a sua mirrada noite em Paris e cepticamente adivinharam Londres, a sete-centos quilometros de bruma.

No meu compartimento, dum vermelho prolixo e dormente, sentam-se três graves senhores, com a sua pasta de negocios ao lado, e uns olhos de tartaruga declinados sobre as paginas tamborecas de «Daily Mail». Não accusa raça nem distinctos perils repetidos e commerciaes que vão de Paris a Londres, de Londres a Haya e de Haya a Berlim, com a mira nos destros da fortuna que alguns milionarioes desentados deixaram fugir da sua carteira.

No corredor da carruagem, desliza uma senhora de luto que guia diante de si um petis, louro quasi prata, o qual elle carinhosamente ampara, com as mãos postas nos seus ombros bem talhados e finos, dizendo-lhe:

—Atenção, não calais...

E os outros, quem são os outros que, como eu, cortam a planura imensa onde as chaminés das fabricas e a desolação dos enormes edificios que se entremostam pretendem convencer-nos de que o homem vive nas obras que cria?

Quantidades de efemeris polinomioes que o acaso rizo e dispersará brevemente ao acaso dos destinos e dos deuses errantes. Nenhum de nós conservará mais que apagada lembrança desta jornada, aligida e desconsolada, em que, graças a um bilhete de caminho de ferro, transportámos de Paris a Calais, cada qual no seu canto e na sua trepida solidão, o vazio que se cava em nós, quando os nossos semelhantes nos fitam, na duvida ou na indiferença:

—Porque sou companheiro deste bloco de sombra e misterio?

Pelos vidros embaçados, onde a chuva saltita e então aladamente a sua canção de arveloa friorenta, descoberto o universo em farrapos, porventura em notas duma elegia cujas estrofes não osam soldar-se em poema escrito na febre unida e quente da inspiração e do sonho.

A paisagem, em divisórias que se separam umas das outras como fitas que esvoaçam caprichosamente na claridade matinal e plumben, gozopa, á minha dextra envolta no turbilhão brutal do monstro que, a noventa quilometros á hora, começa a tragar a Normandia, triturando-a no ventre potente e insofrido.

Os povoados, mal vistos e logo desaparecidos, indicam-me que, á recta-guarda, fica, desfeito ou empastado, o pesadelo das aldeias que se esboçam á beira da linha, com o seu campanario erecto, como ponta de aparo enferrujado. Alguns parte-se ao meio para desviar-se e resguardar-se do expresso que abraça a sua imperiosa marcha, a fim de não aniquilar as pedras votivas da sua cathedra ou os cristais adorados dos seus guarda-louças.

Um comboio avulta nuns pontos e desliza-se noutros, fazendo e desfazendo a mesma frouxa teia que o tedio fabrica para lludir a sua impotencia e a sua penuria de imaginação. Um rio esconde debaixo da ponte que o galga, a corrente lisa das suas aguas esverdinhadas e enrugadas pelo nordeste.

Automoveis atendem, nas passagens de nivel, que as cancelas se descerem a fim de riscarem nas estradas de Franca, os sulcos breves das quimeras que se dissolvem. Chapeus de chuva, de longe em longe, recortam, no tracado barrento e molhado dos atalhos silvestres, o seu hemisferio de cujas varetas escorrem as gotas, uma a uma, como lagrimas vertidas na morte dos astros, das esperanças e dos jardins.

Fatigado de espralar a vista sobre successivas superficies—retalhos dum panorama goyesco—que se copiam umas ás outras, agravando a infimada nostalgia das distancias na monotonia das apparencias, lembrei-me de folhear os jornais e descobrir neles a vibração sensível e humana cuja ausencia me pungia.

—O papel impresso tem sobre a natureza a vantagem de variar-se, á maneira dos balões com que os japonesees fluminam as suas casuchas de papel e de bambu...

Percorri quatro ou cinco e em todos eles os jornalistaes parisienses que haviam acompanhado os srs. Flandin e Laval se queixavam copiosamente das correntes de ar que os constiparam em Londres, até mesmo em Downing Street.

—«Numa cidade tão desacautejada, a diplomacia expõe-se ao risco de tosrir e nada resolver».

Felizmente que assim não foi: os negociadores do accordo, vendo que as palavras se apegavam ás laringes, qual mancha de sangue ao remorso de Lady Macbeth, decidiram proceder com energia, associando, diante dum perigo futuro, as duas aviações para varrerem o espaço—flamejante e mortífero.

Com receio de me intrometer num terreno que não me era familiar nem agradável, conclui a leitura do «comunicado», com a seguinte reminiscencia de Ruysbroeck o Admiravel:

—«Eis que o homem torna agora a si proprio e a todos os que são de boa vontade, saboreando e contemplando a união e a harmonia que o amor estabelece entre elles».

O sr. Laval, por exemplo, que ostenta a cor sombrio de Alexandre Dumas e uma ingenua gravata branca, é muito capaz de nos conduzir á Terra da Promissão, sem fazer saltar as pontes da Rhenania. Se tal conseguir, a paz balxará ao seio das nações, tão composta e penteada como assucena da primeira comunhão...

Não achando ao alcance da curiosidade assunto que me distraísse, antes de Calais surgiu debruçada sobre a Mancha, na vaga desordem do seu casario, filho da vaga e da neblina, virei-me para mim, encerrando-me na minha intimidade, procurando-me, fóra da alucinada metalleica que me torturava, confundindo-me com os volumes e não com as almas.

—Para onde vou? Que busco eu? Que golpe funesto me traz solto e desirmanado, por paragens tão ingratas para a minha saúde?

Perebi então—como se percebe o sitio onde nos dói, após o fugaz torpor do sofrimento—que o meu rumo não terminava, aqui ou acolá, mas se alongaria interminavelmente—além das romagens em que se repousa e das frases dolentes que pretendem embalar-nos. Quando os astros rompem no firmamento, pondo o seu lume na treva imovel e profunda, ha sempre na terra um olhar que lhes supplica a esmolada do seu brilho.

Para mim, a cerração era completa:

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Automoveis sem chauffeur
Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

o comboio de que eu era um dos miserios passageiros desconhecia-me e ignorava-me no enigma em que o meu ser—naufraugo atirado a um mar inclemente—tentava ver no fundo do abismo a estrela polar. O nosso corpo, pobre envolver em que se oculta uma falisca divina, tem limites apertados no bater das suas pulsações—muito menores que as do marmoreo do porfirio que se deixam «trabalhar» humildemente, mas conservam seculos e seculos a forma perfeita que o artista lhe imprimiu.

Como eu sentia a fraqueza de cada um dos meus membros chamados a uma prova de resistencia—igual á da vela que a tempestade ameaça esfarrapar!

Fellizmente que a dor não se desata toda em pranto, pois obedece tambem a um instinto criador, extraindo das amarguras a essencia da fé Imortal...

Repentinamente, no alheamento longinquo em que eu divagava sozinho, gravando na areia lierte meus passos mortais uma voz martelada e concisa, como os postes indicadores, desceu-me á terrena realidade:

—Calais, daqui a dez minutos!

Meus Deus, tudo acaba nesta viagem, menos o pensamento cruel que me perturba e não pára nunca, a não ser na universal e minuscula gare onde a Morte recebe os páldios viajantes que atonitos lhe preguntam:

—Para que lado é a Eternidade?

Calais refresca-me o rosto queimado de insonias, de cuidados e de penas que se acendem umas nas outras, multiplicando-se no infinitamente pequeno onde o coração muda as fibras em calabres.

—Meu Jesus, ampara-o nos teus braços e conserva-o, até que eu lhe possa segredar balxinho:

—Aqui estou junto de ti, com o olho do teu sangue e da tua patria!

Mas neste mundo tudo se mistura e atropela, sendo impossivel evitar que um uniforme azul-marinho não nos ponha em fila para interrogar:

—Quem é? Donde vem? Para onde vai?...

As respostas succedem-se suadas e gastas, como as luvas aduaneiras que sondam as nossas bagagens. Superada a provação, eis a Mancha orlando de espumas os arabescos da costa normanda, esvoaçada de galvoetas que as rajadas impacientes balouçam no ar onde elas suspendem elipses modelares, desenhadas num só movimento—de asas pandas.

—Quando chegarei a Londres?

O barco da carreira Calais-Dover atraza-se, á espera dum grosso bando de turistaes que regressam aos seus lares, desertos, depois de três semanas de «skiaagem», nas alturas invernosas e nevadas dos Alpes bavaros. Obrigam a minha ansiedade a amarrar-se, numa fixação dolorida, á barragem carregada de muito ao largo, julgo delinear o vulto da neveonta Inglaterra.

—Que belo dia!—exclama alguém que descobriu um timido sol esterilino, a intempor-se no «sagio de duas nuvens vagarosas».

—Meu Portugal, como tu és formoso e esplendido, sob o frescor rescedente das tuas primaveras e a delicia morbida dos teus poentes, nos outonos lentos e suaves!

Desamarrar o barco com a sua carga heteroclitica de alpinistas e de esgalgados tipos internacionaes—entre eles um rubro e imenso holandês que empalideceu, ao lér esta prudente recommendação:

—Tende cuidado com os pick-pockets.

Chabrelam em bandos inglesinhas gentis, que usam calças e botas ferradas e velhas matronas que, sobre o

O RESTAURANTE «CHIC», da praça dos Restauradores, aberto toda a noite, dá garantia de aseo porque tem uma cozinha modelarmente montada e uma «Frigidaire» que mantém os mariscos, carnes e peixes, nas melhores condições de consumo.
Serviço á Carta, rapido, abundante e perfeito.



seu casaco de peles, trazem, pendente dos ombros, um sacco, em forma de mochila.

Num esforço supremo, como se o meu olhar se desprendesse de mim e percorresse—flecha de stjlica amargurada—extensões sem fim, aproximel-me, em espirito, dum remoto, innocente coração, embalado em temas illusos, que compassava docemente a sua retirada para os páramos onde Deus manobra o seu salva-vidas.

—Toma a minha mão para não escoregares nos seixos em que se enroscam as algas.

—Tudo é claro na minha frente—tudo claro que vejo no derradeiro promontorio, sob um felxe de luz, a Cruz da Redenção!

Notas em circulação

ROSA DOS VENTOS

PATRIA ESQUECIDA

por Norberto Lopes

João de Barros reuniu em volume, com o título «Patria esquecida», (1) alguns ensaios e conferencias que nem por tratarem de assuntos diversos deixam de estar ligados por uma «intima afinidade» e animados pelo mesmo pensamento construtivo, onde, segundo elle proprio confessa, «homens e ideias são entidades do mesmo povo, da mesma fé immortal. Existem, medram e respiram no mesmo ambiente, afirmam-se e triunfam para gloria da mesma causa».

Patria esquecida... Não é a ideia de patria real, confinada pelos limites estreitos da fronteira geografica, que se contém nesta expressão melancolica do professor, do poeta, do jornalista, do homem de pensamento que nos habituámos a admirar pela coerenza do seu espirito e pela sua indefectivel linha moral. É a patria ideal, «sem lindes e acaso sem nome, aberta a todas as almas sófregas de comunhão espirital—e hostil apenas áqueles que traem ou falseiam a missão que o talento, o genio, a intelligencia alguma vez lhes impuzeram».

Patria ideal... patria esquecida por aqueles que tinham o dever indeclinavel de a servir, «acima das pequenas e miserias ambições de momento»,—«escola de tolerancia, de disciplina moral e de fraternidade generosa»—que alguns trocaram por um prato saboroso de lentilhas e outros se esforçam inutilmente por erguer em toda a beleza sonhada.

Patria que não cabe num conceito mesquinho e medieval, desconfiado e hostil, mas que busca um «horizonte desafogado e amplo», onde todos os homens livres se possam encontrar.

Mais do que uma afirmação litteraria, que não vem acrescentar nova gloria á obra fecunda de generosidade, de idealismo e de beleza do autor do «Anteo» e da «Vida Vitoriosa», este novo livro de João de Barros vale pela afirmação duma attitude moral e intellectual que merece o nosso respeito e o nosso aplauso.

Ha na sua obra um capitulo intitulado «Jornalismo e idealismo», em que o autor, com uma perfeita observação dos phenomenos psicologicos e sociais do nosso tempo, estabelece um paralelo lisonjeiro e absolutamente exacto entre a poesia e o jornalismo, entre o poeta e o jornalista.

É preciso conhecer intimamente uma profissão para lhe determinar as caracteristicas essenciaes que constituem a razão da sua propria existencia. E João de Barros revela, neste estudo despretencioso e justo, que foi objecto duma conferencia publica, um conhecimento perfeito da nossa profissão. «Ha sempre idealismo na obra ou na tarefa jornalística», escreve o autor da «Oração á Patria» e da «Ode á Belgica». E até as alegrias e os sofrimentos que a pratica do jornalismo provoca são, como diz Rosny, «de ordem ideal...».

Devemos ficar-lhe gratos pela justiça que nos faz, pela compreensão intelligente que revela, pela simpatia que atrai sobre nós.

Num dos capitulos de «Sa Majesté la Presse», Stéphane Lauzanne con-

fessa que se tivesse um filho, apesar de todas as contrariedades que o jornalismo acarreta, lhe meteria uma pena na mão. Não encheria a bolsa de ouro, porque os jornalistas vivem pobres e morrem pobres, mas encheria a alma de recordações. Não conheceria a força que a riqueza proporciona, mas conheceria a força que a ideia propulsiona. Havia de viver dias bons e dias maus, mas os dias maus não seriam os piores. Seria menos que um millionario durante a vida, mas seria mais do que um millionario depois da morte, porque a fama esquece, por via de regra, as pessoas que tiveram dinheiro, mas não esquece aquelas que tiveram talento...

Sirvo-me das proprias palavras de Stéphane Lauzanne para reforçar a ideia que está na consciencia profissional de cada um de nós e que João de Barros apreendeu e traduziu com tanta verdade num capitulo modelar da «Patria esquecida».

NORBERTO LOPES

(1) Livraria Bertrand, Lisboa.

Tudo o que diz respeito a Paulo Barreto,—cujo nome litterario foi, como todos sabemos aqui, João do Rio—interessa aos portuguezes. João do Rio nunca deixou de ter pela nossa terra e pela nossa gente a mais acendrada e desinteressada simpatia. Escriitor de raras qualidades. Talento de escola, o Brasil não o esquece tambem. É a nova edição do livro do sr. dr. Neves Mantas, «A Arte e a Nevrose de João do Rio», mais uma vez o confirma. Estudo psicologico e quasi psiquiatrico do genio do celebre prosador, nem sempre as suas conclusões nos agradam. Mas não levamos a nossa antipatia tão longe como Medeiros e Albuquerque, que, numa critica acerba, repeliu as ideias todas do sr. Neves Mantas, delias zombando veementemente. Em suma, «A Arte e a Nevrose de João do Rio» é constantemente um louvor á obra do esteta, do estelista e do pensador que tanto estimamos. Vale a pena ler o curioso livro, revelador de condição, intelligencia, e culto sincero pela memoria de Paulo Barreto.

O estudo de Stefan Zweig sobre Erasmo, que está recebendo o applauso geral da critica, define agudamente as feições espirituais do grande humanista, cuja obra e vida são exemplo e modelo eternos de heroismo perante as incertezas, miserias e misterios do nosso destino. O primeiro europeu, o primeiro pacifista, o mais eloquente advogado de ideal humanista, chamo-lhe Stefan Zweig. Quere dizer:—o prototipo do homem que hoje se procura em vão realizar, e que o exasperado deflagrar das paixões belicas e dos nacionalismos exclusivistas parece torna: cada vez mais impossivel, mais inviavel, mais distante no tempo e no espaço.

O problema que o livro de Stefan Zweig Triunfo e tragedia de Erasmo traz de novo á nossa presença é o problema, talvez insolavel, do valor e da eficacia da acção exercida pela intelligencia no mundo. Grandes? Permanentes? Decisivos? Foram-no, de facto, em Erasmo e em alguns mais, num breve momento de historia. Madruga da timida, embora resplandes-

cente, que não voltou ainda a iluminar-nos. Que volte ou não, porém, a lucidez e a constante actualidade da mensagem de Erasmo são patentes. Sentem-nas, avaliam-nas bem, os fillosofos, os escritores, os artistas, e mesmo aqueles que nunca se arrogaram o titulo de pensadores ou criadores. Stefan Zweig, publicando a sua erudita biografia do sabio holandês, contribui largamente para a compreensão e divulgação do espirito humanista, tão necessario ao equilibrio ou re-equilibrio da nossa epoca.

«Sr. director.—No ultimo suplemento litterario do jornal que v. tão dignamente dirige, vem uma interessante entrevista com o illustre escultor sr. Diogo de Macedo.

No final, o jornalista pede-lhe que diga alguma coisa sobre Arte Negra e a resposta é a seguinte:

—«Já publiquei, com o Luiz de Montalvor um volume, no qual dizia tudo quanto sabia. Esse album—que era uma bonita edição—tornou-se um misterio...».

Devo, por função do cargo que actualmente exerceo, esclarecer a v.:

S. ex.º o ministro das Colonias, no prosseguimento do seu tão elevado plano de propaganda colonial, determinou á Agencia Geral das Colonias que pela sua Divisão de Publicações editasse um Album de Arte Indigena, destinado á Exposição Colonial Inter-

nacional e de Arte Negra, de Napoles.

Foi encarregado de organizar essa publicação o sr. Luiz de Montalvor, que a esse empreendimento emprestou as suas irreguevaveis qualidades de cultura e de artista.

De acordo comigo, o sr. Luiz de Montalvor convidou o distincto artista sr. Diogo de Macedo, para escrever um estudo sobre arte indigena.

Em hora boa o fizemos, porque esse estudo, vem confirmar os conhecimentos que o sr. Diogo de Macedo possui, aliados a grandes qualidades de culto e proficiente investigador de arte.

E o album appareceu, honrando pela sua apresentação o pensamento de s. ex.º o ministro das Colonias, o sr. Luiz de Montalvor, que o orientou e o organismo que desse trabalho se encarregou.

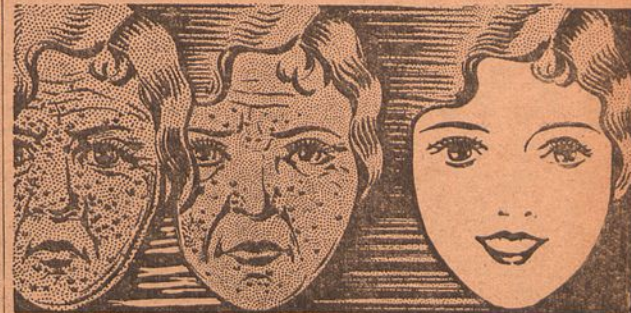
Da edição, da qual me julguei no dever de oferecer ao illustre artista vinte exemplares, por que ele nada quiz receber pelo seu excelente estudo foi enviado para Napoles o maior numero.

Os restantes, fora a distribuição official, são destinados aos jornais e revistas da especialidade, e os poucos que sobram, ao publico.

Esta é a verdade, que devo esclarecer V.

Com os protestos da minha maior consideração, sou, de V. etc.—O Agente Geral das Colonias. (Int.º)—Julio Calota.

Uma Pele Nova, Branca e Aveludada



Em Três Dias Os Poros Dilatados e os Pontos Negros Desaparecidos para Sempre!

Os desagradaveis pontos negros, as borbulhas, o acné, as grosselras escamas da pele e as cores amarelas e castanhas provém dos poros dilatados, poros que se enchem de impurezas gordurosas que as abluções não podem tirar. Todo o poro dilatado é devido á irritação dos poros da pele.

O creme Tokalon cor branca, (não gorduroso) penetra nos poros instantaneamente, escala a irritação das glandulas da pele, dissolve e arrasta as impudicidades profundas dos poros, bem como os pontos negros, fecha os poros dilatados até ao seu volume normal, embranquece e amacia uma pele escura e seca. Graças á sua acção tonica, adstringente e nutritiva, a epiderme mais seca fica tonificada e refrescada. O efeito oleoso e o luzidio do nariz são tambem completamente suprimidos.

O Creme Tokalon cor branca, (não gorduroso) contém agora uma maravilhosa cera nova, macia e nivea, extractada das flores, combinada com o creme fresco e o azeite predigeridos. Dá em 3 dias á pele, uma nova beleza indescriavel, branca, aveludada e tal que não poderá obter-se de qualquer outra maneira. Deveria ser empregado todas as manhãs.

A venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se á Agencia Tokalon (Secção D. L.) 88, rua d'Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.

NOTA:—Se tem rugas, se os musculos da sua face estão enfraquecidos, deverá tambem empregar o Creme Tokalon, alimento para a pele, (cor de rosa) á noite antes do deitar—alimenta e rejuvenesce a sua pele durante o sono.

UM CONTO POR SEMANA

A alma numa flôr

Terminante prescriçãõ médica arastãra-me para o Sul da França. O automovel dum antigo condiscipulo de Toulouse, que algũmas ferias passãra comigo em Portugal, na quinta de meus pais, transportava-me suavemente atrãves dessa maravilha. Côte d'Azur, fugindo aos centros de atrãctivos mundanos, quasi procurando sãõ manter-me no ambiente perfumado da regiãõ. Não levava destino certo. Sabia apenas que devia escolher dentre a duzia de casas de saude que me haviam indicado e de que o «chauffeur» possuia uma lista completa, aquela que mais me agradasse para o repouso de três meses que o doutor impuzera como unica soluçãõ para a duzia de casas de saude que me soveria, apõs a Sua morte.

Uma brisa ligeira obrigava-me a arejar os pulmões com frequencia; o espirito nem a paisagem ridente que se sucedia, ao longo da estrada, como um documentario de imagens policromas, conseguia, porém, livrar da pesada preocupaçãõ que uma terrivel saudade fortemente alimentava. Já visitãra três das casas indicadas, mas em nenhuma encontrãra o ambiente de doce recolhimento que a minha situaçãõ exigia. Esta peregrinaçãõ—encantadora, è certo, pelo espectaculo de beleza natural que proporcionava—começava, no entanto, a enfadar-me demasiadamente.

Recomendei, por isso, ao «chauffeur» que abandonasse a velocidade de passeio e acelerasse a marcha do motor, para ter se acabamos depressa com tam aborrecida jornada. E seguia assim o carro, veloz, quando, no final duma curva apertada, nos surgiu, abruptamente, um povoado—mancha alegre sobre um fresco tapete de verdura.

O carro parou e o «chauffeur» trocou meã duzia de palavras com um campones que estãcãra quasi ao mesmo tempo e que, depois de me olhar, talvez com piedade, apontou a encosta, dominando o casario alegre e todo o vale sereno que se prolongava para o sul, por alguns kilometros. Ficava ali, com efeto, a quarta casa de saude da lista. O seu aspecto causou-me impressãõ diversa da que sofrera ao deparar com as anteriores—edifícios simples, ventilados, jardins tratados caprichosamente e, sobretudo, a tranquillidade que me convinha.

Dentro de poucos minutos conversava familiarmente com o director, no seu gabinete decorado com sobriedade. Era um homem absurdamente jovem, optimista, sem o mais leve ar de gravidade.

Depois de ouvir todas as declarações que julguei lhe devessem interessar e de se informar da alguns pormenores da minha doença, disse com visivel sinceridade:

—Tenho imensa pena de o não poder servir imediatamente. Pelo que me diz e pela rapida observaçãõ que fiz do seu estado, conclui que vocẽ, realmente, se cura aqui, em pouco tempo.

«Este clima tranquillo, a amenidade especial da regiãõ e, principalmente, a quietude dos meus jardins floridos constituem esplendido remedio para depressões nervosas como aquela de que vocẽ sofre. Mas a verdade è que agora não lhe posso arranjar aposentos. Numa clinica moderna, como pretendo que seja, a minha, não è possivel improvisar quartos para doentes. E neste momento todos estãõ occupados.

Observando de certo que as suas palavras me desagradavam, acrescentou:

—Se zulzer, porém, entreter-se a passear pelos arredores ou procurar alojamento provisõrio numa pequena pensãõ que existe nesta localidade, dentro em pouco poderã instalar-se aqui, pois o ultimo doente que entrou estãõ justamente para sair por estes dias

—Não se da bem?...—preguntei com a curiosidade natural do doente que inquire doutro o resultado de determinada droga que ele tomou.

—Nada disso. È que, ao contrario do que succede com os restantes internados, o aspecto vivificante dos jardins e a policromia das flõres, excita-o mais... Foi a historia extrãna duma flõr com alma que o collocou no estado de perigosa agitaçãõ em que veio para aqui...

Declarei aceitar a soluçãõ proposta. Instalar-me-ia, por alguns dias na pensãõ da terra e iria depois ali fazer o meu repouso.

—Gostaria, no entanto, de ver o quarto...

O meu agradável interlocutor premiu o botãõ duma campainha e a porta surgiu uma enfermeira:

—O sr. Guillot?—interrogou o director.

—Estãõ calmo. Ainda hoje se não levantaram sequer as cortinas da janela.

—Bem; podemos entãõ lá ir.

E fomos. Uma luz, coada atrãvez dum leve cortinado de cambraia, banhava suavemente o quarto. Quasi ao meio da casa estava o doente, estãcãraõ numa cadeira de braços, dormitando. A um canto, proximo da janela, uma mulher de cabelos tam claros que pouco contrastavam com a palidez do rosto, lia com o nãido proposito de passar o tempo. Ao ver o director levantou-se e caminhou com cuidado até a porta:

—Jãõ veio a resposta, doutor?

—Ainda não, minha senhora. Mas descançe; dentro de poucos dias estãrã livre de nós—respondeu com um sorriso de condescendente bondade o jovem medico.

Atrãvamos depois o quarto, em pontas de pés, até a janela. Afastando um pouco a cortina amarelada, deparou-se-me, na realidade, um espectaculo impressionantemente belo. —Que maravilhosa paisagem—disse quasi entusiasmado.

O doutor tocou-me no braço para recomendar-me silencio e ela, num gesto rapido e instintivo, pôs-me os dedos delicados sobre os labios, como

se eu tivesse proferido alguma blasfemia.

No mesmo instante o doente dava um salto da cadeira e fitava-me com os olhos muito abertos e um ar interrogativo:

—Não murchou?... Continua viva?... Diga, senhor, vem trazer-me noticias da minha pobre flõr?...

Impressionado com a figura daquele homem, novo ainda, mas com a cabeleira quasi branca e a pele da face bastante macerada, pretendi retirar-me. O proprio medico, segurando o doente e procurando acalmã-lo, fez-me sinal para sair.

Ele, porém, não consentiu e obrigou-me a sentar numa cadeira proximo daquela onde caira, apoderado de grande excitaçãõ.

—Entãõ o sr. não sabe noticias da minha flõr?

E com ar de humilde supplica:

—Diga, sinceramente, não sabe?... Abanei a cabeça, mais por não compreender o espectaculo a que assistia do que para responder a pergunta. Ele já irritado:

—Ah! Não sabe?... Mas conhece concerteza o meu caso. Creio que neste momento toda a França o conhece. Não sei mesmo se correrã mundo a triste historia do meu crime...

Olhou, desconfiado, a mulher que, numa attitude de tocante melancolia, ouvia as suas palavras:

—Não foi só minha a culpa. Aquella senhora colaborou directamente comigo e cumplices houve mais...

Cerrou a seguir as palpebras, fatigado, mas para se assegurar de que eu me não retirava agarrou-me fortemente um pulso. Dal a instantes, com aspecto mais sereno, começou a descrever o «seu caso».

Deposara uma mulher encantadora e delicada como uma planta rara. Na intimidade do seu lar feliz tratava-a mesmo, romanticamente, por «minha flõr», como se fosse essa expressãõ a imagem exacta da feminilidade da esposa jovem.

Passados poucos meses de verdadeiro e permanente idillio, quando seguam ambos alegres, desoccupa-

dos, a caminho de Paris, apõs um «week-end» decorrido em pitoresca povoaçãõ dos arredores, deu-se um desastre tremendo.

Por mais esforços que tenha feito, não conseguia ainda explica; a origem do acidente. Do que se passou depois não possui sequer uma idéa vaga. Recordã-se apenas de ter acordado mais tarde, com a cabeça entapada, dum quarto claro entre pessoas de familia e uma enfermeira bondosa.

—Minha flõr...—foram as primeiras palavras que pronunciou.

Explicaram-lhe que estava noutra quarto, mas que não a podia ver, para lhe evitar mais emoções. Decorridos dias, entre mil cautelas, participaram-lhe a viuvez. Não quizera acreditar.

—Por que não ma mostraram morta, ao menos?... È impossivel que a não torne a ver!—disse chorando mais de indignaçãõ que de saudade.

Um mês depois podia sair. A primeira visita foi ao cemiterio onde lhe haviam dito que a esposa repousava. Acompanhado do irmão, percorreu as ruas estreitas, ladeadas de tumulos, com a maior indifferença. Pois se não acreditava que ela all estivesse!...

O irmão parou a certa altura—era ah. Olhou entãõ e um calafrio forte fê-lo ajoelhar. Sobre um pequeno monte retangular de terra acastanhada florescia uma planta estrãna, de beleza inebriante...

Acreditava finalmente. Ela morrera na realidade e a sua alma delicada, fragil como o proprio corpo, dava agora expressãõ aquela flõr encantadora.

A partir dessa data uma unica preocupaçãõ occupava o seu espirito: aquela flõr maravilhosa, que cuidadosamente transplantãra para um vaso e que passou a desempenhar o principal papel na vida da sua casa. Evitava que o sol lhe desse demasiadamente e não consentia que uma corrente de ar lhe fizesse tremer as

(Ver continuação na 8.ª pagina)

TRAJOS PITORESCOS DA ROMANIA



Um dia de festa em Lechnitz

(Do livro «Roumanie», de Kurt Hielscher)

Dez minutos com**Vitorino Nemesio**

por Aquilino Ribeiro

Há nos Jeronimos uma capela de marmore, especioso marmore, branco ou ligeiramente lido não me lembro bem, de nobre traça, solene e austero ambiente: o mausoleu de Alexandre Herculano. Guardo a impressão de que os restos mortais do historiador ficam bem naquele recinto vedado, com o seu sopro de frialdade e de misterio. Pois segundo monumento por certas facetas semelhantes áquelle, excepto bem entendido, não ser tumular, surgiu recentemente: «A mocidade de Herculano» por Vitorino Nemesio. Mas se a capa dos livros se me affigra da cor da pedra, é pelo sumptuoso e lavrado da materia, pelo desenho largo e majestoso, pela serena e reposante firmeza de linhas, que a minha imaginação teima pô-los em paralelo.

Escreve o autor no portico do seu formoso trabalho: «Por isso, entre as inibições que me trabalharam ao longo de três annos de intimidade herculaniana, de soffrego e por vezes delirioso estado de corpo aberto para receber o grande espirito, o recio de produzir aquelle puro alinhamento de factos que desprezou Gundolf no seu Goethe foi a maior talvez». Nemesio não alinho factos, antes os entreceteu com tão consumada mestria que o seu edificio é a propria e complexa vida. E porque assim é, e o mundo, como queriam os sofistas, não representa mais que um jogo fantasmagórico de acasos, não será descabido fixar a sorte de Herculano, misantropo, fugido a toda a casta de honrarias, com o seu tanto de dogue no facies fisico e social, que encontrou um devoto do estofo mental de Nemesio. Que lhe cabia tal direito ninguém ousa contestá-lo, mas não é menos caso para desta feita abençoar o destino, divindade extremamente desigual e caprichosa. Evidentemente que os homens disfrutam no tempo e no espaço uma soma de vida proporcional á obra legada. Mas não é menos certo que, além dessa, têm vida propria áquelles que pelas virtudes podem ser apresentados para espelho de semelhantes. Herculano é deses e na pintura da sua humanidade excepcional se occupou Nemesio. Ainda ha outros que sobrevivem, independentemente da obra, sorte de almas penadas e errantes, daquellas que Hades não acataria no reino das sombras, e que ficam a representar pelos tempos fora a imensa e absurda tragedia de viver. Desta categoria é Camilo.

Na nossa terra, pequena em tudo, a estatura de Herculano é fora de normal. A sua lavra de escritor foi, além de fecunda, brilhante agradável e harmoniosa. Do seu proprio folego épico ninguém se permite gracejar. A sua musa é melancolica e, entarada de divino, nunca avistou Pan e as ninfas entre os bosques, mas não deixa de ter o seu sortilegio na seriedade e compostura. Tampouco a sua pena de didacta alguma vez faltou á obrigação de ser bem intencionada e obedecer ao lema de esclarecer e sanear o mundo das idéas varrendo absurdos e miasmas dos cantos escusos e infectos.

A «Historia de Portugal» e a «Historia da Inquisição» são o ponto de partida para a época de racionalidade na investigação e determinação de factos que dizem respeito á existencia e vicissitudes do povo português.

Como homem, através de todas as modalidades, Herculano era talhado dum só peço. Nada de duplicidade nem de tintas furta-córes. Debalde o mais ceptico ou zoilo espereitara com lupa para dentro daquella sua rigidez e integridade na esperança de ver luz hipocrisia. Herculano é Herculano. Ao homem majestoso que certo dia o viera tentar com as miragens do poder pessoal, no proposito de atrai-lo á causa, como Satanaz a Jesus no pincuro da montanha, respondera apontando á porta:

— Saia de minha casa imediatamente que não quero ouvir-lhe mais uma palavra!

Eis o homem a quem Nemesio acaba de elevar o monumento condigno do seu genio, da sua grandeza cívica, da sua vasta e abnegada obra, monumento, na especie, do melhor que possuem as letras portuguezas.

AQUILINO RIBEIRO

Poemas modernos

A UM ESTRANGEIRO

Isto de ser poeta e português
Não é tão simples como imaginás.
Vêde em Camões, Antero e Pascoaes,
O que essa estrêta duplice lhes fez.

E' uma f'rida que não sára mais
A que fizer a luz que alguma vez
Aureolou as fronte d'esses três
E doutros, cujas vidas ignorais.

Gomes Leal, Cesário Verde tantos;
Se fôsseis doutro povo, doutra raça,
Seriam geniais, mas sem desgraça.

Os poetas, aqui, são como os santos:
Não conhecem os frutos dos seus prantos
E a glória é postura ilusão que passa.

QUIROMANCIA

Já não insira compaixão,
O teu gesto, mendigo estirapado:
Na palma da tua mão
Lê-se a palavra «civilização»,
— Não se lê a desgraça do teu fado.

CLAMAVI AD TE

Apenas hoje! apenas uma vez,
Fala de modo que a verdade seja
Lão clara e transparente, que eu e veja
Num cristal da mais pura limpidez!

Talvez seja loucura o que deseja
A minha insaciedade. Sim, talvez:
— Que tu fosses, falando, a outra que és,
Com a alma nos labios, quando beija.

Mal empregado privilégio, a fala,
Que traduz a verdade em que pensamos,
As palavras gastando em occultá-la!

Que seja assim quando se odeia, vamos!
Mas para quê se dissimula ou cala,
Quando tudo nos diz que nos amamos?!

OBSTINAÇÃO

A' procura de Deus, andamos todos nós,
Poetas, desde quando a Poesia é Poeta:
Caminho que nos leva aonde principia
A dívida maior, a ansia mais atroz.
Mas sempre em nós renasce a 'sperança de que um dia
Talvez a Sua Voz responda á nossa voz...

CIDADE

Na cidade, quem olha para o ceu?
— E' preciso que passe um avião...
Quem me dera o silencio, a solidão,
Onde pudesse, alguma vez, ser eu!

Na cidade nasci; nela nascen
A minha dispersiva inquietação.
E o meu tumultuoso coração
Tem o pulsar caótico do seu.

Ah! quem me dera, em vez da gasolina,
O cheiro a terra humida, a resina,
A flores do campo, a leite, a marezia!

Em vez da fria luz que me alumia,
O luar, sobre o mar, em tremutua...
— Divina mão compoendo uma poesia.

CAPRICHOS

Podes dormir. Podes dormir, serena,
Como dormitas em pequena,
Deus da benção maternal.
Não rezaste? — Não rezes, não faz mal!
Ha um condão em ti,
Ha um halo divino, que eu bem vi
Na tua fronte, a iluminar-te o berço,
A' flor das ondas, nesse mar que existe...
(Não digas que nunca o viste!)
Suspensão no Universo.

ULTIMO SONETO

Se me sobrevivesse, imperecida,
A memoria da angustia que sojri
Na desordem do tempo em que vivi,
Já tinha fundamento a minha vida.

Debruçei-me na Historia, mas não vi
Outra Idade com a mesma parecida.
Tantos caminhos, tantos! — e perdida
A noção de chegar até aqui!

Arvore do passado? Já não cabem
Mais ilusões á sombra dos seus ramos,
E os seus frutos, agora, a nada sabem!

Poesia! Onde me levas? Onde vamos,
Se as fórmulas antigas não nos abrem
O misterio da treva que sondamos?!

CARLOS QUEIROZ

Do livro inédito

*DESAPARECIDO E OUTROS POEMAS.

POMBOS CORREIOS

● Nos primeiros dias de abril será posto á venda um novo livro de Joaquim Pago de Arcos, o autor do *Herói derradeiro*, intitulado: *Amores e viagens*, de Pedro Manuel.

● O sr. dr. Orlando Marçal tem pontos dois romances, um em que debate uma tese psicologica, intitulada *A Sombra*, e outro, narrativa dum individuo do nosso tempo, que se chama *O Vencido*.

● Alberto Serpa vai publicar um livro com o título *Descrição*.

● Fernando Pessoa vai reunir em volume os seus estudos sobre Antonio Botto.

● Intitula-se *No mesmo estilo...* o livro postu-mo de Henrique Roldão, que vai ser publicado.

● Apareceu agora, em Espanha, uma bela edição do *D. Quixote*, que é uma reprodução perfeita da primeira tiragem do celebre romance de cavallaria.

Devemos dizer que Portugal tem a prioridade nesse genero editorial. Ha annos, o sr. dr. Jaime Cortesão publicou pela Biblioteca Nacional, de que era director, os *Lusiadas*, conforme a edição princeps numa reprodução perfeita.

● O Club Literario de Polonia concedeu o seu primeiro premio annual ao poeta José Wittlin, pela sua tradução da *Odisséa*. A direcção daquelle organismo entende que o labor de Wittlin

demonstra um fecundo esforço para adaptar á litteratura nacional, com forma moderna, uma obra de valor secular.

● O grande escritor Stefan Zweig, talvez o maior do nosso tempo, publicou agora um estudo critico-biografico sobre Erasmo, que ele classifica do primeiro pacifista da Europa. A obra é uma eloquente apologia dos ideais humanistas. Nela Zweig quiz dar toda a grandeza e miséria do erasmismo.

● O ultimo numero da revista belga *Jornal dos Poetas* é consagrado inteiramente á poesia de temas religiosos. Não figura nela, segundo a noticia que lémos, nenhuma obra portugueza.

● Livros portuguezes que se vendem mais durante a semana:

As belas artes plasticas em Portugal durante o seculo XVIII, do dr. Xavier da Costa e as *Ruinadas do Imperio Russo*, de Chaves Nogueles, tradução. Livros franceses: *Guilherme II e Nicolau II*, de Paleologue, e *Teorie de L'Etat*, de Kelsen.

● Editada por João de Eça vai publicar-se uma grande *Enciclopedia luso-brasileira*, que será dirigida pelo dr. Antonio Sergio, Magnus Bergstrom, Antonio da Costa Leão, dr. Antonio Maria Godinho e João de Sousa Fonseca. O primeiro volume será posto á venda no fim deste mês.

● O premio literario *Cartago* que e

atribuido em França, á obra litteraria de documentação ou de imaginação que diga respeito á Africa setentrional, recaiu este ano sobre o romance *Le Chef à Pétole d'argent*, de Joseph Peyré. O premio é de quatro mil francos.

● Joaquim Leitão prepara dois livros: um, romance, e outro, de novelas, ambos passados no ambiente da Renascença italiana.

● Luiz Montalvor vai publicar um livro, com o título *Poemas*.

● Recebemos o numero de fevereiro da *Broteria*, uma das nossas melhores revistas culturais.

● O professor sr. dr. Queiroz Veloso tem no prelo uma obra de grande investigação e documentação historica, intitulada *D. Sebastião*.

Julgamos saber que essa obra, feita com um moderno sentido de critica, vai causar sensação e discussão.

● Recebemos o numero referente a margo da *Vida Contemporanea*, dirigida pelo sr. Cunha Leal. Neste numero, que tem um alto interesse intelectual, colaboram os srs. José de Oliveira Martins Boleu, Eugenio Soares Branco, Almerindo Lessa, Ant nio de Carvalho, Cunha Leal e Vasco da Gama Fernandes.

Prefira a «CHIC» para os seus almoços e jantares, e verá que todo o serviço lhe dará inteira satisfação.

UM ROMANCE DE AMOR**A PAIXÃO DE CORINA**

Algumas paginas de «Um Escultor de Almas», de Freyre Corte Real

Fitaram-se um momento enleados, sem dizer palavra, e sentiam-se córar em um frente do outro, como se ainda não fossem noivos.

Por mais duma vez, os seus labios esboçaram um movimento quasi imperceptivel, como de quem prãende pronunciar uma palavra, mas não sabe como a principiar.

Ambos se sentiam arrastados a uma necessidade de confidencias que não procuravam dissimular.

Muito sós, seguiam pela avenida principal do jardim num passo m'udinho. Ele cingia-lhe suavemente a cintura com um dos braços.

—Se soubesses como te adoro! Caminhavam tão juntos um do outro que mal podiam andar. Assim, seguiam de vagar conversando baixo, por entre uma aluvião de flores de tamanho e cores diferentes.

—Só o amor, meu bem divino, sabe fazer o milagre de acordar as vidas queletas, os peitos adormecidos!

Ele tinha pronunciado aquelas palavras numa forma doce de evocar.

Fixava, com apaixonado interesse, a curva da cintura, o seu modo de andar, o rugir do vestido, o som da voz e o ruído dos passos. E sempre que podia, ia-lhe prendendo capotamente a vontade hesitante com a musica entorpecedora da voz.

—Terê sempre por ti a mais doce ternura e a melhor dedicacão de todos os instantes.

E calou-se, embriagado, como se a essencia daquele amor transformada num capitulo vinha a tivesse acabado de beber por um calix de ouro.

Corina fazia demora o seu olhar no céu distante, onde passavam rapidos os voos dos passaros.

A's vezes os gritos vivos e curtos das andorinhas, que quasi passavam dentro dela, perturbavam levemente a alegria dos seus lindos olhos.

Ele, fitava-a cheio de curiosidade, e todo o seu desejo era poder beijar-lhe a boca fresca, dum perfume de mel.

De todos os lados, os arbustos floriam e formavam um pequeno bosque, onde apenas havia raras clareiras ocupadas por tufos de rocas e gladiolas. Dos ramos dos olmos e dos azuleiros, flores de variegadas cores caíam em girinaças.

Algumas, dum desenho largo e nobre, trepavam com delicadeza pelos troncos das arvores até se debruçarem balouçantes nos seus ramos.

—Ha na minha alma um paraíso que te pertence, que é só teu. Tu és a mulher e a mais doce criatura que eu tenho sonhado, a unica que o meu coração podia amar assim!

Contava-lhe todas estas coisas numa voz indizível de paixão, com um acento, cuja entonação parecia vir de longe, de muito longe, entrecortada e indefinível.

Ela, cheia de enlevo, com as palpebras meio cerradas, escutava, como num sonho, a musica daquela voz bem timbrada.

Alta, muito elegante, os olhos grandes dum azul suave, tinha o rosto nobre de uma delicadeza requintada.

Por entre as copas das arvores que lampejavam a fulguracão do sol, as andorinhas cruzavam-se em vôo sereno. Uma tira da paisagem azulada, recortada entre duas faixas, fazia um fundo longinquo.

—Quantas vezes a sonhar, tenho pronunciado o teu nome!—e o seu olhar procurava prendê-la.

Sentia-se invadido de desejos indefinidos e de vagos desfalecimentos, sempre que atentava na sua formosura privilegiada.

Sob as cambratas finas, quasi transparentes do seu vestido branco, adivinhava as formas tentadoras dum corpo esbelto de mulher adoravel, e pela cor das faces e das mãos macias, reconstruía febrilmente todo o seu busto numa nudez triunfante.

Numa alegria de noivos, percorreram a bela alameda, sob a abobada de arvores gigantesas.

Ela levava sombrinha aberta, encostada ao ombro, o rosto levemente

Aqueles que duvidam da existencia do romance em Portugal, como escola literaria, com caracteristicas proprias de autonomia, devem ler Um escultor de almas, de Freyre Corte Real. Trata-se duma obra bem articulada, romance autentico, tanto pelo desenho das figuras, como pelo movimento do entrecho. Sente-se que o escritor, na posse de todas as facilidades não receia acometer um assunto que exige não apenas tecnica—e esse clara, nitida, excelente de virtuosismo—mas tambem uma larga e poderosa emoção.

Um escultor de almas revela-nos um escritor feito, de belo tipo romantico, embora dentro duma maneira francamente moderna. Ha que contar com ele, marcando-lhe um lugar de relevo, na jalange das letras, e ler o seu belo livro, que é uma das melhores revelações dos ultimos tempos. Transcrevemos as primeiras paginas:

purpurado. Seguia encostada ao braço dele, num confiado abandono, como se já fóra sua mulher. Inocente e pouco curiosa, não dava pelo misterio de que o seu noivo continuava a rodear-se.

Assim, tudo tinha corrido calmo e feliz na sua vida. Se o dia todo passava sem ele aparecer, Corina quasi enlouquecia de inquietação mas no dia seguinte quando se fazia anunciar a sua felicidade, como se toda andasse com ele, entrava em casa e logo ela parecia reviver.

Discorriam com delicadeza confidencias de nupcias, entre aromas de pétalas e sorrisos.

Ele, evidentemente por calculo, dava á voz uma inflexão carinhosa e tinha para ela palavras extremamente melgas.

—Como é perturbadora a tua graça e como és bela, quasi divina para mim!

Aquela magia de idolo embriagava-a nas incomparaveis doçuras que elle lhe oterecia com uma adoraçãõ hipnotisante.

Sentaram-se ao pé de uma arvore de larga copa, cujas folhas esguias e recortadas deixavam cair em chuva, sobre elles e sobre a relva em volta, tenues raios de sol. Borboletas das mais variegadas cores revoloteavam por sobre flores exquisitas, que coloriam os tapetes de verdura e pendiam em tufos e ramos até ao leito dum pequeno regato.

O sol caindo de um céu calmo e abrasado insinuava-se através da espessa abobada de arbustos e amornava a frescura da agua.

Muito juntos naquele enleio, olharam-se em silencio até ao fundo dos olhos e ambos se sentiram perturbados.

Mosquitos fugiam em nuvem da agua, sempre que alguma ave sequiosa abatia o vôo para beber, e muito altas no azul do céu luminoso, inumeras andorinhas cruzavam-se rapidas como flechas, em vôos flechuosos, lançando gritos no ar calmo.

—Como adoro o movimento da tua boca quando ela pronuncia o meu nome, nessa tua voz linda de cristal!—e o ardor do seu olhar procurava penetrá-la toda.

Ela semi-cerrou as palpebras com um leve tremor de pestanas. Estava levemente córada e sentia-se um pouco confusa. As palavras do noivo, ondulavam na sua alma inquietada, como palpitações de uma vida desconhecida cheia de misterio.

E fazendo um pequeno esforço por dominar o seu doce enleio, as pestanas tremiam-lhe, como se o fio de um sorriso se lhe quizesse escapar das palpebras.

Escandido na rama dum olmo, um rouxinol na sua voz limpida cantava com uma alegria russelada.

Corina, invadida por uma comocão agradabilissima, não tentava lutar contra ella. No seu delicioso abandono, parecia-lhe viver muito mais alto entre o deslumbramento duma aventura ha muito esperada.

Balanco do ano literario no Brasil

Se a literatura portuguesa é, hoje, quasi exclusivamente retrospectiva, a literatura brasileira é prospectiva. Daí em Portugal abundarem, todos os dias, ensaios de interpretação do caso nacional. De entre esses ensaios destaca-se o «Brasil errado», de Martins de Almeida, livro

escritores do Norte: «Os Corumbas», de Amândo Fontes; «Cahetés», de Graciliano Ramos; «O Quinze» e «João Miguel», de Raquel de Queiroz; os romances baianos de Jorge Amado, e a série ciclica de José Lins do Rego. A serie de romances de Lins do Rego, começada com «Menino de engenho» e continuada com «Doelinho», foi este ano acrescida do «Banguê», livro admiravel, que consagra o seu autor como grande romancista em qualquer parte do mundo. Esses livros, em que ha muito de auto-biografico, narram a vida dum brasileiro do Nordeste desde a sua infancia. Mas o grande drama que eles revelam é a decadencia da economia patriarcal das velhas familias de «senhores de engenhos», aquilo a que os brasileiros chamam a «civilização do açucar», atingida, primeiro, pela abolição da escravatura, e, depois, pela industrialização moderna. Essa forma de civilização, que foi a do norte do Brasil desde os primeiros tempos coloniais até quasi aos nossos dias, serviu de tema a Gilberto Freyre para uma obra de estudo verdadeiramente monumental: «Casa grande e senzala».

A literatura proletaria, de intuítos sociais, tem o seu representante em Jorge Amado, que este ano viu o escandaloso corar o seu romance «Suors». No seu livro anterior, «Cacau», já em segunda edição, este jovem romancista descreveu a vida dos trabalhadores das plantações que fazem a riqueza do seu Estado. E viu, apenas, a miséria dos trabalhadores e as desigualdades sociais. No «Suors» pinta, com cores terrivelmente sombrias, a existencia do proletariado da cidade da Baía, sua terra natal. O romance, extremamente curioso, é constituído por uma série de cenas, tendo por unica ligação o local em que todas se passam: um velho predio habitado por gente pobre. A linguagem é excessivamente crua e, muitas vezes, desnecessariamente grosseira, mas o livro tem poder dramático e afirma um talento.

Do lado deste, outro homem do Norte manifesta na prosa qualidades bem distintas. Grande poeta, Jorge de Lima deu este ano dois livros que são a afirmacão dum prosador. O primeiro, «O Anjo», é um pequeno romance surrealista que melhor se pode considerar um poema. Alguem comparou «O Anjo» aos filmes de desenhos animados, e, com efeito, esse livro é uma successão de imagens extraordinariamente poeticas mas absurdas. Ova de poeta é, ainda, o «Anchieta», biografia do grande jesuita apóstolo do Brasil. O escritor modernista que é Jorge de Lima tratou essa figura como um escultor medieval, com todo o sabor popular e todas as incorrecções de forma. E fez um livro imperfeito mas interessantissimo.

No Estado de S. Paulo, ao sul do Brasil, teve origem o grande movimento modernista que revolucionou as letras brasileiras. Foi iniciador dessa obra de transformação Mario de Andrade, secundado noutros pontos do país, por Manuel Bandeira, Jorge de Lima e Raul Bopp. Apenas o ultimo destes poetas nos deu, ultimamente, um livro de versos, «Urucungos», collectanea de «poemas negros», feita pelos amigos na ausencia do autor, sempre em viagem pelo mundo. Jorge de Lima, como poeta, limitou-se a reunir os seus «Poemas escolhidos». Manuel Bandeira não publica nada desde 1930, a não ser critica literaria nos jornais e uma ou outra poesia em revistas. Mario de Andrade, que é um grande trabalhador, e tem uma actividade multiforme, publicou dois livros de prosa, um de criticas musicais, «Musica, doce musica», e outro de contos, «Belazartes». O primeiro não tem a importancia excepcional do «Ensaio sobre musica brasileira» e do «Compendio de historia da musica», de que este ano saiu a segunda edição. Estes livros, sim, dão a Mario de Andrade o titulo de maior musicografo do Brasil. Maior musicografo, maior folclorista, grande critico, grande prosador, poeta curiosissimo, Mario de Andrade é, sobretudo, o autor duma obra extraordinaria: «Macunaíma, o heroi sem nenhum caracter». Escritor desigual, muitos dos seus livros fazem-nos pensar na sua grande obra, que é de 1928. Mas os contos de «Belazartes», se não têm a importancia do «Macunaíma», são dignos do talento, incorrecto mas enorme, de Mario de Andrade.

O teatro, conheceu um exito desadocunhado no Brasil. Falta a esse país uma tradicão featural resumindo-se a sua producção dramática a tentativas sem eco nem continuidade. Mas Joracy Camargo foi mais feliz que Coelho Neto ou Alvaro Moreyra. A sua peça «Deus lhe pague», teve grande exito na cena e em volume. No palco, serviu-a o talento do actor Procopio Ferreira; em livro, auxiliou o seu exito a intenção critica. Trata-se, de facto, de uma obra critica social, embora sem intuítos politicos. Os brasileiros, hoje não querem ver só literatura nas obras literarias, mas uma intervenção moral ou social, revolucionaria ou religiosa.

Estes não são, sem duvida, todos os livros aparecidos no Brasil durante o ano literario de 1933-1934, nem, sequer, todos os livros dignos de interesse. É extraordinaria, pela intensidade, a producção literaria do Brasil. Mas é igualmente extraordinario o numero de escritores de talento, sobretudo de escritores novos. É quasi impossivel, por isso, resumir a actividade das letras brasileiras em meia duzia de linguados.

OSORIO DE OLIVEIRA



JORGE LIMA

um tanto pessimista mas corajoso, em que se faz a critica implacavel do bovarismo brasileiro. Reagindo contra a satisfacão de si proprios, em que viviam os brasileiros das gerações anteriores, os novos ensaistas exageraram, um pouco, a critica aos defeitos nacionais. O Brasil passou, em 1930 e em 1932, por convulsões politicas que trouxeram á superficie algumas deformações organicas. Mas esse periodo de criticismo parece estar dando lugar a outro, de fecunda criação literaria.

Os brasileiros, depois de criticarem o seu país, estão, agora, a descobri-lo. Aos ensaistas sucederam os romancistas. E como o Brasil é imenso e variado, não faltam os assuntos nem os tipos romanescos. O Norte, sobretudo, com as suas misturas de sangues e com uma população mais proxima da natureza, parece uma seara de romancistas. As terras que a secca torna ingratas são fecundas em homens de letras. Todos os dias aparecem novos romances de

UM ANIVERSARIO

"Orpheu"

(Continuação da 1.ª pagina)

Dirão: Como pode ser se estavam em «Orpheu» dois brasileiros? dois americanos?! Isto mesmo ajuda-vos a responder. E na resposta fica também demonstrada a independência que dissemos já dos colaboradores de «Orpheu».

Ronald de Carvalho, precisamente o escritor brasileiro, colaborador de «Orpheu», escreve nos «Estudos brasileiros»: «O nosso dever é destruir o preconceito europeu... Deixemos de pensar em europeu. Pensemos em americano». Isto quer dizer: o que para o português representa o europeísmo, é evidentemente para o brasileiro o americanismo. O brasileiro ha-de encontrar a sua humanidade dentro do americanismo. O português é que não pode deixar de ser europeu, e cada vez menos pode deixar de o ser, pela simples razão de que a Europa é cada vez mais Europa. «Já lá vão aqueles tempos em que Portugal foi a mais rica nação da Europa. E foi ao tornar-se Portugal a nação mais rica que desequilibrava por isso mesmo a Europa inteira.

Hoje a Europa é uma unidade nascida. Longinamente iniciada pelas Descobertas marítimas dos portugueses, esta unidade da Europa concretiza-se hoje nos nossos dias. Portugal, que provocou essa unidade será acaso o primeiro a surpreender-se agora com ela?» (1)

Não deixava de ter razão de ser, digo razão de ser, o ensaio «Portugal» do conde de Keyserling.

É um europeu quem pergunta porque Portugal, que foi o melhor dos europeus nos tempos em que a Europa apenas começava, não o é hoje também quando a Europa entra já na sua maioridade?

As respostas portuguesas a este ensaio vieram todas zangadas. É difícil de compreender o europeísmo.

«Descobrimos» de 1931, revista literaria (perdi, «de culturas») termina o seu comentário ao ensaio de Keyserling com estas palavras:

«Basta-me que deste comentário ressaite o erro do ponto de vista europeu para observar e compreender Portugal».

Como se vê por este comentário, tinha razão de ser o ensaio do conde de Keyserling.

E vai ser difícil o português entender o Portugal europeu. Bem mais difícil do que o brasileiro entender o Brasil americano.

Enfim, foram estas as duas características mais importantes de «Orpheu»: portuguesa e europeia.

Para a conquistista da «élite» portuguesa encontrara «Orpheu» o caminho heroico: cultura individual, portuguesa e europeia.

Não se ha-de enganar quem vir no escândalo produzido pelo aparecimento de «Orpheu», a preguia portuguesa fortemente incomodada por este desafio de acção. A preguia individual portuguesa, digo, que é pelos vistos incomparavelmente maior do que a preguia colectiva portuguesa.

É que «Orpheu», meus senhores, foi o primeiro grito moderno que se deu em Portugal.

«Orpheu» é o pioneiro do movimento moderno em Portugal!

E segue.

Lisboa, março de 1935.

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

(1) Das «Cinco Unidades de Portugal», de José de Almada-Negreiros, 1930 (inédito).

PANORAMA LITERARIO PORTUGUÊS

Adolfo Casais Monteiro

director da «Presença»

afirma que a literatura moderna revela um humanismo criacionista

Adolfo Casais Monteiro é outro director da Presença. Embora a sua obra tenha a tonalidade proustiana desse grupo literario dinamico e revelador, ela destaca-se luminosamente com um poder comunicativo e humano. Não é um lirismo, velha escola, preocupado da musicalidade das rimas, orquestral e sonoro, mas vazio, escravizado ao metro e torcido numa jaula de ferro, como um escarvo romantico plangente de titãnia, mas alto e abertente, com perspectivas nobres, geometrias de forma, em que a idea tem um valor matematico, ora acucando-se severamente sem ornatos, mas densa de materia, ora sugerindo pelo encontro arritmico das palavras profundas ressonancias de alma, na sua parte mais nobre, mais intellectiva.

Por vezes, em Casais Monteiro, a sensação dá uma emoção—oasis raro—na sua raza planície intellectual, Poesmas do tempo incerto, tem o valor duma nova poesia, cortada, dissonante, nervosa, introspectiva, com choques de cores, volumes inéditos—mas peretrante de contacto. Pode estranhar-se a obra, de tal maneira a sua fisionomia é original, mascara nua e palpitante. No mesmo estilo, embora menos perfeito de escola, o seu livro de versos: Confusio, mas, no entanto, duma maravilhosa economia lirica.

Adolfo Casais Monteiro tem ainda outro aspecto: o de critico. Trabalha a literatura como um cirurgião. É um disseccador notavel, duma pericia operatoria que, embora lhe tenha provocado muitos adversarios, lhe arregimentou tambem muitos admiradores. Intellectual puro, fazendo da critica uma verdadeira ciencia, a suas analyses são sempre impeccaveis, e até mesmo, irrefutaveis.

O cerebralista que ele é, devendo-se a si proprio, não transige, mas tambem não especula. Os seus raciocinios são como os teoremas: matematica de opinões, que ele enuncia e demonstra, no quadro restrito dos valores nacionais.

O seu depoimento corajoso é mais uma manifestação do seu intellectualismo puro. Ele marca a rota a seguir indo á frente, na sua marcha de explorador e de desbravador literario. Ha quem o siga, embora o caminho seja duro, tanto mais que o sol está por ele.

—Quais são as características da actual literatura portuguesa? Pode definir-se uma escola, destacar valores, distinguir formas literarias?

—Hoje, como sempre aconteceu, diz-se que a literatura está em crise. Certo é que sempre entre nós se leu pouco—e mal Certo é que sempre faitou ambiente, que sempre a obra literaria teve pouca repercussão. Actualmente—e foi sempre assim!—a maloria do publico é amorfa. A obra é, porém, independente da sua repercussão ora, não ha crise de produção literaria, bem pelo contrario, e atesta-o a qualidade do melhor do que se tem publicado nos ultimos anos.

—Qual a tendencia da nova geração?

—Na geração literaria que avança manifesta-se uma comum tendencia: tudo lhe tem sido adverso: o publico como a critica. E todavia, consciente de que seguia o unico caminho—que coerentemente podia seguir, não se tem desviado um passo; indiferente aos sarcasmos, á opposição de que tem sido objecto. Quando digo «a geração que avança» não me refiro a nenhuma escola, que não as ha. Refiro-me sim a um conjunto de personalidades que, não obstante as mais diversas tendencias, têm em comum alguma coisa que se aproxima, e dá unidade á produção por que se revela.

—Características.

Em primeiro lugar, distinguem-se o sentido da auto-critica, a honestidade que cada um põe em julgar-se a si proprio. Em seguida, a extensão ao panorama literario do momento desse mesmo espirito, mas voltado para o exterior, numa sã revisão de valores. A arbitrariedade e falta de autoridade da pseudo-critica, compare-se o esforço manifestado em parte da pequena imprensa e em algumas revistas, a honesta e desinteressada preocupação de clara distincção e avaliação de valores.

—O bem e o mal nem sempre se distinguem. Combinam-se por vezes!

—Quere-me parecer que esse vigor nascente da critica não é senão um dos aspectos dum grande movimento evolutivo, que tem como centro dinamico a necessidade—que já começa a encontrar eco em parte do publico—de valorizar, como base da criação, um criterio formal. Daí o abandono da retorica, do efeito exterior, como consequencia da creença segundo a qual não ha beleza nem puro jogo de palavras, em simples acrobacias verbais,

mas que ela é inseparavel duma afirmação de autenticidade humana.

—Já manifestada?

—Manifestada em parte por aqueles que em volta da Seara Nova se reuniram—estes principalmente no campo de critica social—em parte por todos que, porque colaboram na Presença, é costume designar como grupo da Presença—e estes unicamente no campo da literatura e das artes—assim é que um movimento se ergueu e alastrou, tendendo, em todos os campos, a significar a cultura, pugnano pela vivificação de todas as formas de expressão, na critica como na pura criação.

E atacadido:

—Mencionarei ainda, em sintese: a «n» anti-academico, a «n» pulsiva pelo gosto dos feitos bombasticos e pelos pseudo-liricos derramamentos de pigas, pelo sub-sentimentalismo (o qual é uso confundir com lirismo); no romance, registarei a offensiva contra o culto da banalidade engastada em rebuscar de adjetivação, em contorsionismos de forma (e o furor do vernaculismo, anquilosado a lingua).

—Em resumo: vê-se em todos os campos uma ingenua ansia de superar as tradições puramente formais, o automatismo estéril, para atingir uma verdadeira expressão da altitude dramática da vida. Se é preciso—por mau que isso seja—uma formula, ela ai vai: a actual literatura portuguesa revela, através das personalidades que a representam, um humanismo criacionista.

—O valor da poesia? Novas formulas poeticas.

—Equivocam-se os que pensam tudo aclarado com esta afirmação: a poesia actual caracteriza-se pela invenção de umas formas poeticas. A unica verdade é a poesia procurar libertar-se de quaisquer formulas.

—Significa isto que se tenha tornado anarquica? Penso que não, e que simplesmente se libertou de regras, de convenções, que eram apenas tradição caduca, que nada tinham com a essencia da poesia. Aos poetas não comformistas de hoje, nenhuma aversão pela medida e pela rima, ou pelo soneto, a ode, etc., os ezes se serrem!). Sucede, porém, que tais formas e formulas não são indispensaveis, poi. não têm, em si, qualquer valor. Qualquer forma vale o que vale quem a se utiliza. É claro que, com a terrível praga formalista que desde a Renas-



ADOLFO CASAIS MONTEIRO

ceña grassa entre nós, é bem difficil que tudo isto seja aceita sem uma prévia e violenta reacção. Essa epoca de reacção começa, porém, a entrar em crepusculo: veja-se como os dois maiores poetas dessa geração, Fernando Pessoa e José Regio, vão a pouco e pouco conquistando o publico, esse publico que não ha multos anos apenas sabia escarnecer de tudo que fosse ou parecesse modernista.

—O romance tem cultores de envergadura? Acompanha as tendencias hoje dominantes na literatura estrangeira?

—A debilidade do romance, bem como a do teatro, é hoje ainda um dos sintomas de desequilibrio do nosso genio criador. Parece, porém, que podemos esperar, pelo menos para o romance, um periodo de fecundidade tal como ainda não houve. Tudo, por enquanto, é impreciso: Ferreira de Castro, apesar de uma obra já extensiva, não conseguiu ainda o equilibrio, nas suas grandes qualidades reveladas d'ouros o direito de esperar muito dele. Rodrigues Miguel, José Regio, Gaspar Simões, começam, e não podemos senão esperar o que prometem as obras de inicio por que se revelaram. O certo é que, na geração anterior, não existe um unico romancista. Aquilino Ribeiro, novelista, e principalmente contista admiravel, não conseguiu escrever um unico verdadeiro romance. Ainda acerca de alguns—talvez de um só?—dos valores mais recentemente afirmados no romance, tenho visio referencias sem endereço mas cujo alvo se adivinha (essa sibylla insinuação sem citar nomes é um dos mais repugnantes processos de atacar quem, por sua vez, por motivos que não digo e todos sabem, (não se pode defender): ataca-se o que não nos agrada dizendo que é imitação da literatura estrangeira. Por outro lado, esses mesmos puristas são capazes de afirmar que é preciso integrar Portugal na Europa. Quando é o nacionalismo que se limita já está bem.

—Mas está mal se uma obra revela, sem haver qualquer imitação, tendencias identicas á que revela o melhor da produção estrangeira.

E terminando:

—Tudo isto revela confusão de planos, e a inexistencia espiritual dos que alardeiam de defensores do espirito. Do espirito! Eles que se têm na boca palavras decoradas, e á sriedade de dos que procuram a beleza, dos que inquietamente lutam pelo enriquecimento humano, só sabem responder com palavras de mestre-escola: calai-vos, porque nós é que sabemos o que é a verdade e o que está bem. Mas a obra responde-se com obras: que esse espirito se manifeste era criação literaria e não em discursos, e terão o direito, não a impôr—mas o direito a viver como criadores e a vêr-se tomados em consideração.

★ PANORAMA INTERNACIONAL ★

O libelo de Heinrich Mann

Poucas vezes a linguagem escrita terá servido para articular um libelo da intensidade dramática e humana que transparece nas páginas do «Odioso» de Heinrich Mann.

O famoso escritor germanico, exilado da sua patria que entranhadamente adora e muitas vezes tem honrosamente representado, apresenta um depoimento consciencioso e singelo dos peigos que a ameaça hitleriana faz correr a todo o mundo.

Algumas das paginas, que sentidamente escreveu ao abandonar a Alemanha, ficaram como um documentario precioso da época que atravessamos.

Para isso o autor não precisa de exagerar nem os factos nem as expressões; a verdade, em todo o seu crudelissimo realismo, basta-lhe para conseguir o objectivo que se propõe.

Como não podia deixar de ser, Heinrich Mann analisa as repercussões que o advento do nazismo veio trazer para o plano da vida internacional. Os conarades, os traidores e os acomodaticios são objecto da sua colera; mas a principal preocupação que domina e valorisa o trabalho que nos apresenta, consiste em denunciar a humanidade, porventura ignorante ou despreocupada, todas as ameaças que entraram de a acompanhar sob o signo suastico.

Escrevendo em francês o seu testemunho, Heinrich Mann confessa, orgulhosamente, que guarda toda a sua sinceridade pessoal ao mesmo tempo que vela para que se não apaguem de vez algumas faíllhas da verdade alemã e humana.

O seu depoimento de clero, penetrado da missão redentora da intelligencia, afirma uma generosidade espiritual e uma altura que o aproximam, insensivelmente, do sacerdote. Acreditando na efficacia do esforço literario, Heinrich Mann pensa e proclama que os homens do futuro só poderão elevar-se até á perfeição da justiça, se os homens do presente souberem manter íntegra a linguagem da verdade.

Romain Rolland

Romain Rolland continua a publicação das suas memorias com o título «Quinze anos de combates». O segundo capitulo da obra, apreçoso numa grande revista de cultura e divulgação, é inteiramente consagrado ao estudo das influencias de ordem externa que determinaram a evolução espiritual do autor do «Clérambault».

Como exame de consciencia o trabalho oferece incontestavel interesse, tratando-se duma personalidade que tem exercido uma

influencia decidida na marcha do pensamento europeu.

Sobretudo as paginas dedicadas á revelação do fenomeno hindu e da acção do Mahatma, podem ser lidas com manifesta vantagem por quem pretenda documentar-se sobre as grandes correntes intellectuais do nosso tempo, a sua origem e as suas consequencias.

Romain Rolland atravessou, seguindo a sua propria confissão,

uma grave crise no periodo agitado de 1922 a 1927, procurando sair dela pela conquista duma nova mística que encaminhasse na terra os seus ultimos anos. Quando se passa dos sessenta e, como ele diz, se está proximo da porta de saída, o esforço feito, para a conquista das grandes certezas da intelligencia e da alma, aparece animado por uma sinceridade da qual ninguém legitimamente pode duvidar.

Romanticos

Quasi coincidindo, apparecem a «Correspondencia», de Vigny, com comentarios e notas de Baldensperger, e de Belsac a «Correspondencia inédita com M.^{me} Zúma Carraud».

Assim os romanticos, poetas e novelistas, continuam a ser o fôdo inexgotavel para as grandes analyses de fundo psicologico, e para as revelações de intimidade e sentimentos que a critica, como o grande publico, apreciam no seu verdadeiro valor.

Duas personalidades que tanto viveram pelo coração, e da sua propria affectividade fizeram um tema para composições admiráveis, bem merecem o escrupuloso carinho que anima biographos e investigadores a procurar na sua existencia novos motivos de admiração.

A «Correspondencia de Vigny, além das marcas inevitáveis do seu espirito superior, encerra uma série enorme de esclarecimentos e informações sobre as obras do poeta, os escritos, os grupos, as revistas literarias e o teatro do tempo.

Quanto ao valc: inestimavel da «Correspondencia de Balzac com Madame Carraud» basta dizer para se avaliar da sua importancia que foi a esta senhora que o grande escritor francês dedicou a «Casa Nucinçens».

Duma maneira geral, aparece toda ela animada pela atmosfera de superior convivencia intellectual caracteristica de tantos salões e de tantas casas modestas no periodo romantico.

Estados Gerais da Juventude

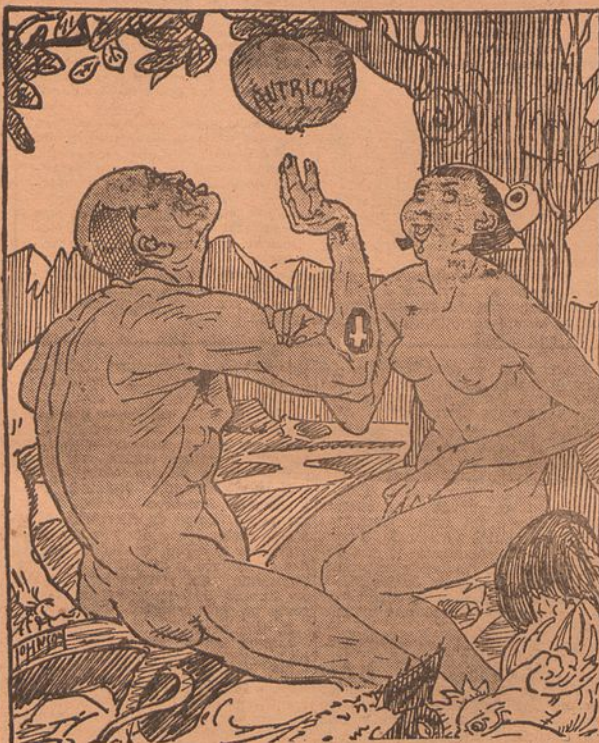
A revista «Esprit» occupa-se, em varias notas de evidente importancia, do «Estados Gerais da Juventude, quatro dias de sessões, agitados em que a gente nova procurou fixar um rumo ideologico certo, ou pelo menos estabelecer uma formula de concordia e união que pudesse encaminhar os seus passos nos tempos agitados que estão decorrendo.

Mesma entrando em linha de conta com o desinteresse e a sinceridade caracteristicos da idade, os jovens que ansiosamente se reúnem para verificar os pontos de contacto existentes entre as doutrinas que professam, não puderam ir muito além duma afirmação clara de boa vontade.

Numa coisa parece terem estado todos de acordo: em proclamar o seu horror pela guerra, e o seu desejo de ver resolvidas pelos meios pacíficos os diferendos entre povos.

Quanto á apregoada mística da juventude, de que tantas vezes se fala, demonstrou-se é evidencia que ela não existe, pelo menos como manifestação duma unidade de vistas á volta de qualquer programa ou de qualquer plano concreto de realizações.

NO PARAIZO FRANCO-ITALIANO



A França — Sé galante, Benito, deixa-me ser a primeira a morder!

A ALMA NUMA FLOR

(Continuação da 4.^a pagina)

petalas aveludadas. Regava-a com pontualidade, ao principio da tarde, sempre receoso de que o frio da manhã lhe fosse prejudicial.

Passava, enfim, o melhor da sua existencia, entregue á doce contemplação daquele vegetal inerte, onde residia afinal a alma da mulher.

Quasi voltou a ser feliz. E foi esse principio de felicidade que começou a preocupar a familia. Em breve os neurologistas consultados aconselharam novo casamento. A principio resistira, mas uma pequena fração acabou por resolve-o: é que a noiva escolhida tinha uma semelhança extraordinaria com a «sua flor». Ao fim de seis meses tudo estava preparado para o matrimonio. Na nova residencia, ocupando lugar de honra numa sala de que só elle possuia a chave, a «sua flor» continuava a viver...

Após a cerimonia nupcial, sozinho, com o risinho infantil do garoto que preparava a maldade inofensiva, dirigiu-se ao quarto da flor. Nervosamente abriu a porta.

Com grandes gotas de suor frio a caírem-lhe da frente e os olhos desmedidamente abertos para mim, concluiu a sua narrativa impressionante, numa agitada alucinação:

—Estava seca! Morrera... O novo casamento separou-me daquela alma para sempre.

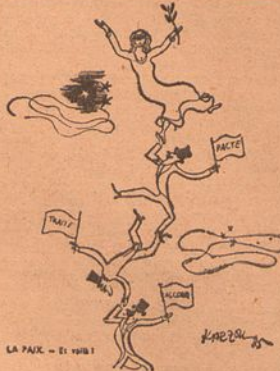
Foi a mulher, com os olhos razos de agua, que acabou de explicar-me:

—Os factos que lhe contou representam a realidade pura. Com effeito, a planta, que na vespera de nos casarmos estava viçosa e bela, encontrava-se murcha quando elle entrou na sala. As petalas da flor tinham amarelecido e as folhas, habitualmente verdes, estavam lividas e e caídas. Não pode imaginar o que se passou então. Aquele pobre espirito, entrançado por alguns meses de obcecção constante, sofreu um abalo que o revolucionou profundamente. Dizem os medicos que só um grande repouso o poderá livrar da loucura definitiva. Foi por isso que viemos para aqui. Mas ele não pode viver na vizinhança de flores. A vida nesta casa é insuportavel. Devemos retirar-nos assim que tenhamos resposta da familia.

Chorava baixinho, e enquanto a enfermeira amparava o doente e o medico lhe injectava um calmante, perguntou-me, com voz quasi imperceptivel:

—Diga lá, o sr. acha possivel a existencia de alma numa flor?

MARIO NEVES



O equilibrio instavel da paz

(Da «Tribune des Nations»)



—Que é isso?

—O suor dos diplomatas que se esforçam por impedir a união da Austria á Alemanha.

(Do «Kladderadatsch»)